



Orientação

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que me inspiraram com os seus saberes, me acompanharam ao longo do meu percurso e que me ajudaram a chegar ao fim, mesmo perante tantos obstáculos.

À minha orientadora e muitas vezes confidente Doutora Susana Barbosa, pela paciência nesta caminhada e por nunca desistir de mim.

À minha mãe, o meu modelo, que sempre me apoiou e me ajudou a lutar.

À minha querida amiga Dina, pela motivação, por me guiar e tomar conta de mim nos momentos em que não tive forças para o fazer.

À minha melhor amiga e à minha avó por fazerem dos dias maus, dias melhores.

Aos meus familiares e amigos por acreditarem em mim.

A todos os professores e colegas de mestrado que marcaram o meu percurso.

## **DEDICATÓRIA**

A todos os filhos ouvintes de pais surdos que me deram o prazer de conhecer as suas histórias, as suas vidas, as suas lutas. E a todos os outros que as vivem aos olhos de todos, sem ninguém as ver.

## RESUMO

O estudo que se apresenta é um estudo de caso e pretende explorar a perspectiva de indivíduos face a acontecimentos e experiências da sua vida: a perspectiva de filhos ouvintes de pais surdos relativamente ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo. Nesta investigação qualitativa participam 14 indivíduos filhos de pais surdos, utilizando-se o inquérito para recolher informação sociodemográfica sobre os mesmos e a entrevista semiestruturada para aferir a sua perspectiva.

Os resultados revelam que, de uma forma geral, ser filho de pais surdos não teve um impacto negativo no desenvolvimento familiar, social e educativo dos participantes, percebendo-se que mantêm relações de grande proximidade e cumplicidade com os pais. Os participantes assumem frequentemente o papel de intérpretes dos seus pais para tratar de assuntos pessoais e profissionais, o que evidencia a falta de intérpretes nos serviços públicos como: escola, finanças, centro de saúde, hospital e segurança social.

Palavras-chave: CODA; Desenvolvimento Familiar, Social e Educativo.

## **ABSTRACT**

The present study is a case study and intends to explore the perspective of individuals in the face of events and experiences in their lives: the perspective of hearing children of deaf parents regarding their social, family and educational development. In this qualitative investigation, 14 individuals from deaf parents participate, using the survey to collect sociodemographic information about them and the semi-structured interview to gauge their perspective.

The results reveal that, in general, being children of deaf parents did not have a negative impact on the family, social and educational development of the participants, perceiving that they maintain relations of close proximity and complicity with the parents. Participants often assume the role of interpreters from their parents to deal with personal and professional matters, which shows the lack of interpreters in public services such as school, finance, health center, hospital and social security.

Keywords: CODA; Family, Social and Educational Development.

# ÍNDICE

Introdução	9
1. Desenvolvimento Humano	11
1.1. A Importância da Família no Desenvolvimento da Criança e Adolescente	13
1.2. O Papel da Educação no Desenvolvimento Humano	16
1.3. A Dimensão Social do Desenvolvimento Humano	18
1.4. Síntese	20
2. Língua Gestual Portuguesa - A Primeira ou Segunda Língua dos CODA?	22
2.1. Ser CODA - Child of Deaf Adults	24
2.2. A Comunicação através da Língua Portuguesa Oral	26
2.2.1. A Comunicação através da LGP	29
2.2.2. O Bilinguismo	31
2.3. Síntese	33
3. Estudo Empírico	35
3.1. Introdução	35
3.2. Método	35
3.2.1. Participantes	36
3.3. Instrumentos	37
4. Resultados	39
4.1. Caracterização Sociodemográfica	39
4.2. A Perspetiva de Filhos Ouvintes de Pais Surdos	42
4.3. Discussão dos Resultados	54
5. Conclusão	59



# ÍNDICE DE QUADROS

**Quadro 1 - Sexo, idade, cidade, estado civil e habilitações académicas dos participantes**

**Quadro 2 - Profissão**

**Quadro 3 - Agregado familiar, irmãos e domínio da LGP**

**Quadro 4 até ao Quadro 18 – Conteúdo das entrevistas com filhos ouvintes de pais surdos**

## **SIGLAS**

L1 - Primeira Língua

L2 - Segunda Língua

LM - Língua Materna

CODA - *Children of Deaf Adults*

LG - Língua Gestual

LGP - Língua Gestual Portuguesa

LNМ - Língua Não Materna

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a experiência de filhos ouvintes com pais surdos, considerando-se importante e pertinente entender como é que estes indivíduos percebem o seu desenvolvimento social, familiar e educativo enquanto CODA<sup>1</sup>.

O estudo sobre indivíduos ouvintes filhos de pais surdos tem ganho evidência e de facto, considera-se fundamental conhecer as experiências, positivas e negativas, desta população, bem como as dificuldades com que se debatem ao longo do seu desenvolvimento. A comunicação é fundamental para a interação do ser humano com outros seres humanos e também para o seu desenvolvimento integral e desde cedo, as crianças ouvintes filhas de pais surdos contactam com duas línguas diferentes, o que pode comprometer o seu desenvolvimento.

É evidente que os CODA convivem com duas realidades diferentes: uma realidade constituída por pessoas ouvintes e outra realidade, composta por uma minoria, e que se refere à comunidade surda. Este facto, tanto pode ter um impacto positivo nesta população, como também pode ter um impacto negativo.

Por outro lado, os CODA são bilíngues e é importante perceber como desenvolvem dois sistemas linguísticos que são totalmente distintos: um que utiliza a fala e outro que utiliza os gestos. Apesar de ouvirem, os CODA têm como língua materna a língua gestual e depois desenvolvem a língua oral do país e da sociedade em que se encontram inseridos. Este facto, confere-lhes, muitas vezes, o papel de intérpretes entre o mundo ouvinte e o mundo surdo.

Tendo em consideração esta ideia, o presente estudo visa explorar a perspetiva de filhos ouvintes com pais surdos, relativamente ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo, procurando responder às seguintes questões:

---

<sup>1</sup> Children of Deaf adults. Em língua Portuguesa, filhos de pais surdos.

- Qual a influência ou o impacto de ter sido educado por surdos no seu desenvolvimento social, familiar e educativo?
- Quais as vantagens e desvantagens que decorrem do facto de serem filhos de pais surdos (atendendo às três dimensões)?
- Quais os aspetos a mudar ou melhorar na sociedade ouvinte face aos indivíduos surdos e aos seus filhos ouvintes?

Este trabalho está dividido em duas partes distintas. Na primeira parte é feita uma revisão da literatura onde é abordado o desenvolvimento humano, entendendo-se que se trata de um processo que decorre ao longo da vida no qual ocorrem uma série de mudanças progressivas, provocadas pela interação estabelecida entre o ser humano e o seu ambiente. Nesta abordagem, tem-se em linha de conta as dimensões familiar, educativa e social. É ainda feita uma revisão que se centra na comunicação entre filhos ouvintes e pais surdos, onde se distinguem os conceitos de língua natural, língua materna e primeira língua e se explica o que é o bilinguismo, não se descurando a literatura que versa sobre a experiência de ser um CODA e sobre a comunicação através da língua oral portuguesa e da língua gestual portuguesa (LGP).

Na segunda parte é apresentado o estudo empírico, no qual participaram 14 filhos ouvintes de pais surdos. Neste estudo foram aplicadas entrevistas que permitem averiguar a perceção desta população sobre o seu desenvolvimento social, familiar e educativo. Quisemos ainda perceber qual a influência ou o impacto de ter sido educado por surdos no seu desenvolvimento social, familiar e educativo, quais as vantagens e desvantagens que decorrem do facto de serem filhos de pais surdos e quais os aspetos a mudar ou melhorar na sociedade ouvinte face aos indivíduos surdos e aos seus filhos ouvintes.

As conclusões do nosso estudo, assim como algumas limitações do mesmo serão apresentadas na última parte do trabalho.

## 1. DESENVOLVIMENTO HUMANO

O desenvolvimento é um processo que decorre ao longo da vida e subentende um conjunto de mudanças progressivas na interação entre o indivíduo e o ambiente. Ou seja, "é um processo de construção contínua que se estende ao longo da vida dos indivíduos, sendo fruto de uma organização complexa e hierarquizada que envolve desde os componentes intraorgânicos até às relações sociais e a agência humana" (Sifuentes, Dessen & Oliveira, 2007, p. 379). Estas interações que ocorrem entre o organismo, neste caso o humano, e o ambiente são interdependentes, pois tudo o que o organismo faz provoca alterações no ambiente que, por sua vez, também age sobre as ações do organismo (Vasconcelos, Naves & Ávila, 2010). Nas últimas décadas, a psicologia do desenvolvimento surge com um novo entendimento do que é afinal o desenvolvimento, defendendo que se trata de um processo contínuo que decorre ao longo de todo o ciclo vital do ser humano (Aspesi, Dessen & Chagas, 2005; Munakata & McClelland, 2003).

Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) salientam que o desenvolvimento humano é um processo complexo e multidimensional, sendo composto por várias variáveis (intra e extra-orgânicas) face ao tempo e ao espaço, e as quais se influenciam umas às outras através de relações de bidirecionalidade. De facto, o desenvolvimento do ser humano não é exclusivamente determinado por fatores biológicos, ficando explícito que este processo é influenciado pelo ambiente que rodeia o indivíduo e pelas interações sociais que este estabelece. No que aos filhos ouvintes de pais surdos diz respeito, é necessário reconhecer que estes crescem num ambiente com determinadas características e condições que vão influenciar o seu desenvolvimento. Isto é, quando uma criança nasce o primeiro grupo que integra e com quem interage é a família. Como salienta Pereira (2008), sustentando-se no contributo de outros teóricos, a família não só constitui o primeiro mas também o mais marcante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação da personalidade humana, sendo no seu seio que o indivíduo se afirma enquanto pessoa, a família é o seu *habitat* natural

de convivência solidária e desinteressada entre diferentes gerações, e é também o meio mais estável de transmissão e aprofundamento de princípios éticos, sociais, espirituais, cívicos e educacionais, no fundo, o elo de ligação entre a consistência da tradição e as exigências da modernidade. No caso dos CODA, sendo os pais surdos, a primeira cultura com que têm contacto é a dos surdos, o que vai ter impacto no seu desenvolvimento, uma vez que "é na família que a criança encontra padrões onde aprende a viver, a ser e a estar e onde se inicia o processo de consciencialização dos valores inerentes à sociedade" (Figueiredo, 2010, p. 9).

Para uma total compreensão deste processo, Sifuentes, Dessen e Oliveira (2007) sublinham a necessidade de considerar o desenvolvimento humano enquanto produto - que se foca nos seus efeitos -, e enquanto processo - que se foca nas suas propriedades e mecanismos intrínsecos -, traduzindo-se na relação complementar entre o produto e processo. Além das relações e interações sociais, é também necessário referir o papel crucial que os fatores culturais desempenham no desenvolvimento, permitindo compreender a influência entre os fatores biológicos, psicológicos, ambientais, históricos e sociais, nos variados sistemas que o indivíduo integra (Sifuentes, Dessen & Oliveira, 2007). Mesmo quando a família começa a integrar o seu filho a nível social, por exemplo em convívios de amigos, é natural que a criança conviva com pessoas surdas. Assim sendo, esta adquire e desenvolve primeiramente a língua gestual (primeira língua com quem têm contacto), apesar de ter competências para a língua oral. Convém salientar "que os primeiros passos para o desenvolvimento natural e social do ser humano são dados dentro da família, pois ela constitui o primeiro grupo no qual a criança é inserida e tem as suas primeiras experiências e relacionamentos interpessoais" (Negrelli & Marcon, 2006, p. 98). E é necessário ter em conta que depois, quando começa a frequentar a escola, ou até mesmo a pré-escola, a criança vai integrar a comunidade ouvinte, o que pode dificultar o seu desenvolvimento, uma vez que se pode confrontar com várias dificuldades. O que se quer deixar claro é que, de um modo geral, a família é responsável pelo cuidado, promoção da saúde, bem-estar e proteção e numa família de surdos, acresce a função de lhe proporcionar a aprendizagem de uma outra língua, a língua oral.

Dada a sua complexidade, reconhece-se que apresentar uma definição precisa e consensual de desenvolvimento não é fácil, o que justifica a diversidade de teorias que o procuram explicar. De qualquer modo, apesar da multiplicidade de teorias e perspectivas sobre o que é o desenvolvimento, é possível identificar pontos comuns entre todas elas. Isto é, a maior parte das definições e abordagens do desenvolvimento humano reconhece as suas três dimensões: física, cognitiva e psicossocial. Referenciando a ideia anterior, quando se fala de desenvolvimento fala-se de desenvolvimento físico, onde são integradas as capacidades sensoriais (questões do âmbito da anatomia e fisiologia); de desenvolvimento cognitivo, referindo-se à inteligência ou cognição, memória, criatividade ou até mesmo motivação; desenvolvimento psicossocial, o qual se refere à personalidade (isto é, ao modo individual e único, relativamente contínuo como cada um reage e atua face ao mundo), bem como às relações com os outros (Xavier, 2012).

Desta forma, atendendo à temática em estudo, nos pontos que se seguem procura-se perceber qual o papel da família e da educação no desenvolvimento da criança e do adolescente ouvinte filho de pais surdos, bem como a dimensão social do desenvolvimento.

## 1.1.A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA E ADOLESCENTE

Tal como naturalmente inferimos a família é extremamente importante para a criança, sendo com este grupo que ela mais interage e o primeiro com quem tem contacto à nascença. Esta importância reveste-se no facto da família ser um grupo primário, de convivência intergeracional marcada por relações de parentesco e com uma experiência de intimidade que, normalmente se prolonga no tempo (Maxler & Mishler, 1978 citados por Gimeno, 2003). Portanto, é necessário reter a ideia de que é na família que cada indivíduo encontra o primeiro espaço de convívio com os outros, sendo neste contexto que a pessoa começa a sociabilizar-se e a ligar-se à comunidade.

É na família que se faz a transmissão de valores, costumes e tradições, sendo na família que a criança os absorve e se adapta à existência de regras com as quais terá de conviver quando é inserida na sociedade. (Figueiredo, 2010, p. 9)

É a família que apresenta a criança ao mundo e que a insere na sociedade, transmitindo-lhe hábitos, costumes e valores, no fundo, que a educa e a protege. Deste modo,

seja qual for o modelo de família ela é sempre um conjunto de pessoas consideradas como unidade social, como um todo sistémico onde se estabelecem relações entre os seus membros e o meio exterior. Compreende-se, que a família constitui um sistema dinâmico, contém outros subsistemas em relação, desempenhando funções importantes na sociedade, como sejam, por exemplo, o afeto, a educação, a socialização e a função reprodutora. Ora, a família como sistema comunicacional contribui para a construção de soluções integradoras dos seus membros no sistema como um todo. (Dias, 2011, p. 140)

Segundo Alarcão (2000, p. 35) a família constitui “um espaço privilegiado para a elaboração e aprendizagem de dimensões significativas da interação: os contactos corporais, a linguagem, a comunicação, as relações interpessoais”. Na verdade, as crianças quando nascem não sabem falar a língua dos seus pais e por isso, são expostas a um ambiente social onde será desenvolvida a sua aquisição da língua, sendo que o meio em que estão inseridas vai influenciar o seu desenvolvimento cognitivo e linguístico (Fernández-Viader, 2004; Sousa, 2012a). Assim, ao nascer numa família com pais surdos a primeira língua com a qual a criança vai ter contacto vai ser a língua gestual (Fernández-Viader, 2004; Jokinen, 2006; Almeida, 2007). As crianças aprendem através da observação e do que ouvem e em relação a crianças filhas de pais surdos a situação é igual, onde estas crianças são capazes de observar e aprender a partir das interações que presenciam, nomeadamente se tiverem familiares surdos e conviverem com a língua gestual (Almeida, 2007).

As crianças, filhas de pais surdos adquirem a língua oral e a língua gestual como primeira língua (Sousa, 2012a), acreditando-se que só assim a criança desenvolverá o sentimento de pertença ao grupo família e à própria sociedade, sendo educada para alcançar a sua autonomia e independência, tendo competências para viver entre dois

mundos. Contudo, urge a necessidade de referir que, por vezes, estas crianças vêem-se confrontadas com situações menos positivas que resultam do facto dos seus pais, por serem surdos, serem considerados como alguém portador de uma deficiência que os torna incapazes de realizar o seu papel de pais (Fernández-Viader, 2004), ideia esta com a qual não se concorda. É verdade que, por vezes, muitos pais surdos se debatem com dificuldades comunicativas para com os seus filhos, mas estas crianças podem ser fluentes em língua gestual, à semelhança dos seus pais e por isso, é a sua língua materna, mas também podem ser fluentes na língua oral, adquirindo-a através do contacto e interação com familiares ouvintes ou pelos meios de comunicação social (Fernández-Viader; 2004). Logo, tendo em consideração que a família assume um papel preponderante no desenvolvimento global da criança, no caso dos CODA, a existência de uma comunicação fará com que a criança cresça saudável linguística e emocionalmente (Sousa, 2012a). Contudo, verifica-se que as experiências vividas pelos adultos surdos na sociedade, nomeadamente os pais, têm impacto na vida familiar, pelo que muitos têm uma baixa autoestima e colocam-se a um nível inferior do das pessoas ouvintes (Fernández-Viader, 2004).

Assim, pelo menos no que respeita às crianças ouvintes filhas de pais surdos, acredita-se que é da responsabilidade dos pais estimularem-nas para desenvolverem capacidades que lhes permitam interagir e comunicar tanto com crianças como com adultos surdos e não surdos. Mas, acredita-se também que é necessário realçar a ideia de que ser CODA não significa ter de “tomar conta dos pais” (Sousa, 2012a, p. 405). As crianças que têm pais surdos podem ser fluentes em língua gestual mas também podem ser fluentes na língua oral, adquirindo-a através do contacto e da interação com familiares ouvintes (ou através dos meios de comunicação social, ou da escola, por exemplo) (Fernández-Viader; 2004; Preston, 1994). Neste sentido, a família desempenha um papel fundamental no desenvolvimento global da criança, onde a existência de uma comunicação é crucial para um desenvolvimento linguístico e emocional saudável (Sousa, 2012a).

## 1.2. O PAPEL DA EDUCAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

A escola, à semelhança da família, assume funções sociais, políticas e educacionais no desenvolvimento humano, uma vez que contribui e influencia a formação da criança enquanto cidadão (Rego, 2003). Tal como a família, a escola é responsável pela transmissão e construção do conhecimento (que é culturalmente organizado), alterando as formas de funcionamento psicológico, em função de cada ambiente (Dessen & Polonia, 2007). Atualmente, "o território da família foi invadido pelo sistema escolar, tanto no plano afetivo como no plano instrumental: a escola preocupa-se cada vez mais com o desenvolvimento da criança em domínios que não apenas o cognitivo" (Picanço, 2012, p. 11).

Assim sendo, estas duas instituições assumem uma posição central ao nível do desencadeamento dos processos evolutivos dos indivíduos, podendo atuar como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social e a escola, em particular os conteúdos curriculares, garantem a instrução e apreensão de conhecimentos, preocupando-se com o processo de ensino-aprendizagem (Dessen & Polonia, 2007). Enfatizando a importância da escola, Picanço (2012, p. 15) refere que

a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva que deverá existir a 100% em casa. É na escola que se deve conscientizar a respeito dos problemas do planeta: destruição do meio ambiente, desvalorização de grupos menos favorecidos economicamente, etc. Na escola deve-se falar sobre amizade, sobre a importância do grupo social, sobre questões afetivas e respeito ao próximo.

Depois da família, a escola assume-se como o contexto de desenvolvimento humano mais importante, isto porque é o segundo grupo que a criança integra e, onde esta já é mais autónoma. Nesta ordem de ideias, a escola assume-se de um espaço de interação, que ocorre entre a criança e os seus pares e entre a criança os

seus professores, ou outros agentes educativos. Sustentando-se nas ideias de Bakhtin e Mead, Rosangela Dias (2014, p. 15) explica que partindo do pressuposto de que o sujeito humano se constitui através das relações sociais, da interação com o outro, do diálogo e das atividades discursivas, poderíamos inferir que a instituição escolar seria um espaço privilegiado para auxiliar na formação desse sujeito, tanto como no seu aspecto individual como social. Dessa forma, pensar a escola como um espaço de interação simbólica e do desenvolvimento da consciência reflexiva é contribuir na formação da identidade.

É neste contexto que se encontra uma grande diversidade de conhecimentos, atividades, normas e valores e concomitantemente, se encontram conflitos, problemas e diferenças, pelo que é um contexto que não só estimula o desenvolvimento como estimula a aprendizagem (Mahoney, 2002). Há que ter em linha de conta que na escola convivem diferentes pessoas e com características distintas, o que resulta em diversas interações que, por sua vez, estimulam o desenvolvimento da criança. Quando ingressa na escola a criança já é mais autónoma e deixa de estar tão protegida pelo seio familiar, pelo que é da responsabilidade da escola proporcionar os recursos psicológicos para o desenvolvimento intelectual, social e cultural da mesma (Hedeggard, 2002; Rego, 2003). Com a entrada na escola, os professores tornam-se uma fonte de segurança e de apoio emocional, contribuindo para a adaptação dos estudantes ao novo ambiente (O'Connor & McCartney, 2006).

As conceções recentes de desenvolvimento humano remetem para o facto de que a interação social e comunicativa faz parte do desenvolvimento humano, pelo que a aquisição da linguagem, desde os primeiros meses de vida, é fundamental para o desenvolvimento da criança (Bezerra & Mateus, 2017). No que respeita aos CODA, estas crianças contactam, pelo menos, com duas línguas – a língua oral e a língua gestual – crescendo num ambiente bilingue e bicultural (Sousa, 2012a). Ao nascer numa família de surdos, o primeiro contato da criança será com a língua dos pais, a língua gestual, e também com a comunidade surda. O que acontece é que a criança “adquire um modelo de espaço visual muito mais aguçado, buscando detalhes pequenos em todos os objetos e, com isso, adquire características dos surdos no seu

desenvolvimento psicossocial e perceptivo” (Bezerra & Mateus, 2017, p. 455). Mas depois, quando ingressa na escola a criança vai contactar com outro mundo, o mundo ouvinte, e podem surgir várias dificuldades e é dever da escola ajuda-la a viver entre estes dois mundos.

Portanto, a escola deve considerar esta condição ou aspeto da vida da criança e deve utiliza-la de forma positiva no processo de ensino-aprendizagem. Conforme Quadros e Massutti (2007) explicam, a perspectiva bilingue de um CODA numa escola de ouvintes não pode ser negligenciada. As características culturais, sociais e linguísticas deveriam ser tidas em conta e integradas como elementos importantes para o processo interativo escolar mas, verifica-se com frequência, que o acontece é que a escola recebe a criança ouvinte filha de pais surdos e cria uma barreira que a separa dos pais (Quadros & Massutti, 2007). A escola é para todos e é de todos, pelo que deve primar pela diferença e pela diversidade. Quando a criança CODA ingressa na escola, leva consigo características culturais diferentes da escola, nomeadamente em relação à língua que é utilizada em casa e entre a família e à língua que é utilizada na escola (Bezerra & Mateus, 2017). Assim, devido à “falta de conhecimento da instituição, essa criança acaba sendo negligenciada, em vez de a escola valorizar essa situação para trabalhar com e pela diversidade” (Bezerra & Mateus, 2017, p. 455).

### 1.3. A DIMENSÃO SOCIAL DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O ser humano é um ser social e por isso, o processo de socialização é extremamente importante, nomeadamente no que diz respeito ao desenvolvimento global de uma criança. Como se referiu anteriormente, a família é o primeiro grupo com quem a criança socializa e interage e numa fase inicial (porque depois da família, a escola assume um papel fundamental), o processo de socialização ocorre através da relação que a criança estabelece com os adultos, onde esta aprende e assimila padrões, valores e os comportamentos esperados na sua cultura e sociedade (Mussen et al., 2001). Neste sentido, os pais assumem-se como os principais agentes

de socialização, uma vez que através deles a criança aprende e internaliza as normas sociais tendo como referência os modelos de comportamento parentais (Mussen et al., 2001). Então, porque é que a socialização é tão importante? Porque este processo influencia, orienta e coloca a fala dos adultos acima das vontades da criança, sendo no seio familiar que se inicia a construção do indivíduo enquanto sujeito (Andrade, 2011). Pois ao apreender as relações sociais existentes, a criança conhece-se a si própria e vai aprender a fazer diferenciações entre si e as outras pessoas com quem partilha significados (Bacelar, 2002).

Quando se pensa em todo este processo mas referente aos CODA, verifica-se que ao nascer numa família de surdos, naturalmente a criança vai contactar e interagir com a comunidade surda, assimilando as suas características, particularmente a sua língua (a língua gestual). Como salientam Quadros e Karnopp (2009), a comunicação em língua gestual torna-se a primeira modalidade linguística que a criança tem como referência. Ora, a linguagem e a comunicação são muito importantes para a socialização e interação do ser humano com outros seres humanos, no fundo para o seu desenvolvimento. Aliás, a comunicação e a linguagem são centrais no processo de socialização e de construção do indivíduo (Dias, 2014). E quando a criança ouvinte começa por contactar com a comunidade surda e depois, ao ingressar na escola, contacta com a comunidade ouvinte, a sua socialização com outras crianças (e com outros intervenientes daquele contexto como professores, por exemplo) pode ser colocada em causa e por isso, também o seu desenvolvimento, não só social mas também global, pode ficar comprometido. É necessário ter em conta a necessidade de inserção do indivíduo numa sociedade complexa e pluralista, devendo a escola assumir o "compromisso no sentido de ampliar as possibilidades do uso da linguagem em diferentes contextos de realização, sendo, portanto, a escola um espaço significativo de socialização, mediado pela linguagem" (Dias, 2014, p. 1).

Conforme sublinha Gonçalves (2015) a linguagem é assumida como a primeira forma de socialização da criança e, na generalidade dos casos, é realizada pelos pais por via de instruções verbais durante atividades diárias e de histórias que refletem valores culturais. Mas quando se trata de um CODA não existem instruções verbais através da língua oral, mas sim instruções através de sinais, a língua gestual, e são

transmitidos os valores da comunidade surda – a comunidade dos pais. Normalmente, o processo de aquisição da linguagem decorre de forma natural na vida da criança, que utiliza a língua materna para comunicar e para aprender sobre o mundo e ao interagir com o adulto e com os seus pares também adquire a linguagem (Oliveira, 2013). Nos CODA a língua que é adquirida naturalmente, a sua língua materna é a língua gestual, pois é a língua que adquirem naturalmente através da socialização com os seus pais (grupo primário de socialização).

Assim acredita-se que os CODA devem ser estimulados não só pelos pais mas também pela escola, para aprenderem e desenvolverem a língua gestual e, concomitantemente, a língua oral, o que facilitará a sua integração e interação com pessoas de ambas as realidades (ouvintes e surdos). Se a criança ouvinte apenas contactar com a comunidade surda, ao ter contacto com outros ouvintes podem surgir dificuldades de interação com os mesmos, o que irá comprometer o desenvolvimento das suas reais capacidades e mesmo do seu desenvolvimento global. A criança constrói a sua realidade social e descobre-se por via da comunicação, o que significa, que é através das interações sociais que ela se começa a perceber e a se identificar com os seus pares, constatando as diferenças entre os indivíduos inseridos no seu contexto (Rossi, 2000).

#### 1.4. SÍNTESE

O desenvolvimento humano é transversal ao ciclo vital e por isso, é um processo contínuo onde as capacidades gradualmente adquiridas ao longo do tempo, se revelam condição necessária para o desenvolvimento de novas capacidades comportamentais do indivíduo. Sendo um processo tão complexo, comporta consigo diversas dimensões da vida do ser humano: física; cognitiva e psicossocial.

A família é extremamente importante para a criança e é no seio deste grupo primário de socialização que se começa a formar enquanto pessoa. Tal como a família, a escola também desempenha funções sociais, políticas e educacionais no

desenvolvimento humano contribuindo para a formação da criança enquanto cidadão. Quando falamos dos CODA, ambos os grupos devem contemplar a condição destas crianças, estimulando-as para desenvolverem capacidades que lhes permitam interagir e comunicar com os dois mundos (surdos e ouvintes), promovendo a diferença e a diversidade.

## **2. LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA - A PRIMEIRA OU SEGUNDA LÍNGUA DOS CODA?**

O termo primeira língua (L1), tal como o próprio nome indica, refere-se à língua mãe ou materna, a primeira língua que a criança adquire. Segundo Spinassé (2006, p. 4),

a aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento do mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia.

Portanto, a língua materna (LM) é adquirida espontânea e naturalmente no contexto familiar e em relação aos CODA, considera-se que a língua materna, a primeira língua, é a língua gestual. Por sua vez, a segunda língua (L2) é a língua oral portuguesa, entendendo-se por L2 "uma não-primeira-língua que é adquirida sob a necessidade de comunicação e dentro de um processo de socialização" (Spinassé, 2006, p. 6). No entender de Pereira (2009), a L2 é uma língua não materna (LNM), e que quando é utilizada como uma segunda língua, serve para a aquisição de saberes e aprendizagens.

A língua natural é o sistema de comunicação verbal que se desenvolve de forma espontânea no seio de uma comunidade (Correia, 2010), pelo que a língua natural é a língua materna de uma comunidade linguística e a qual é adquirida pelas crianças que nascem na comunidade de forma espontânea (Duarte, 2002).

Assim, considera-se que a língua gestual (LG) é a língua natural ou primeira língua dos surdos e a segunda dos ouvintes, por sua vez a língua portuguesa é a língua materna, ou primeira língua, dos ouvintes e a segunda língua dos surdos. De acordo com Santos (2013, p. 5), a LG

é a língua através da qual grande parte da comunidade surda comunica entre si. Consiste em movimentos sistemáticos e na sua captação visual. Esta língua é uma união de movimento de mãos, olhos e expressões faciais. É composta

maioritariamente por símbolos arbitrários, aspetos contrativos e está em constante renovação e evolução. Como qualquer outra língua possui um vocabulário e uma gramática próprios.

A língua gestual é a língua dos surdos, indivíduos que “podem fazer tudo o que os ouvintes fazem, exceto ouvir” (Sacks, 1998, p. 171), tendo surgido perante esta necessidade de comunicar. Isto é, da necessidade comunicativa de quem não contacta espontaneamente com a oralidade, atribuindo significados diferentes a signos, os quais começam por ser simbólicos e se tornam arbitrários (Martins, 2011).

Em Portugal, e por muitos anos, a LGP foi proibida e nas escolas, os alunos surdos viam as suas mãos serem amarradas para não as utilizarem (Santos, 2013). Daí que a LGP tenha surgido como uma língua clandestina de indivíduos surdos e que, quando adultos, se reuniam em associações (Martins, 2011). Santos (2013) salienta que foi durante o reinado de D. João VI e por decisão do mesmo que, em 1823, surge a primeira escola para surdos - o Instituto de Surdos-Mudos e Cegos - e a qual foi recriada pelo professor sueco Pär Aron Borg e onde os alunos aprendiam a comunicar através do alfabeto gestual. Face à primeira experiência bilingue, esta foi promovida depois do 25 de abril e realizou-se entre 1983 e 1985 no Instituto Jacob Rodrigues Pereira (Martins, 2011). Até 1922, este Instituto correspondia à secção de Surdos-Mudos da Casa Pia (Santos, 2013).

O seu reconhecimento oficial e institucional data de 1997 onde, na quarta revisão constitucional (da Constituição da República Portuguesa), a LGP passou a ser assumida como a língua oficial da comunidade surda portuguesa (Martins, 2011; Santos, 2013). Na atual Constituição da República Portuguesa, na alínea *h*) do seu artigo 74.º, é estabelecido o direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito e salienta a necessidade de se “proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades” (Lei Constitucional n.º 1/07).

Como se fez referência, a LGP é a língua da comunidade surda portuguesa e é composta por um sistema de símbolos e é muito complexa (Sousa, 2012b). Trata-se de um sistema de signos arbitrários e convencionais que são organizados, sendo

através dela que a comunidade surda se expressa (Correia, 2010). Em seguida, a atenção foca-se nos CODA - filhos ouvintes de pais surdos.

## 2.1.SER CODA - CHILD OF DEAF ADULTS

A sigla CODA designa uma expressão norte-americana – *Children of Deaf Adults* (em português, filhos de pais surdos) – mas antes, a sigla que vigorava e que era utilizada para se fazer referência aos filhos de pais surdos era a sigla HCDP's – *Hearing Children with Deaf Parents* (em português, crianças ouvintes com pais surdos) (Souza, 2014). Além disso, a sigla CODA diz também respeito a uma organização internacional sem fins lucrativos – CODA, Inc. – que dedica a sua intervenção a filhos de pais surdos desde 1983 (Souza, 2014). Com o surgimento desta organização, que visa dar resposta às necessidades de filhos com pais surdos, muitos destes filhos adotaram o nome da instituição e passaram a identificar-se pelo seu nome (Andrade, 2011).

Nas últimas décadas, a investigação sobre filhos ouvintes de pais surdos tem ganho destaque e muitas delas descrevem a experiência de como é crescer no seio de uma família surda, onde os filhos são ouvintes, abordando também o bilinguismo, o biculturalismo e a forma como decorrem as interações entre pais surdos e filhos ouvintes.

A literatura que versa sobre o tema, evidencia o contacto e a frequência de associações por parte de indivíduos surdos e tal acontece, porque nestes espaços são criadas relações entre pessoas que partilham a mesma condição, a surdez, sendo criada uma identidade (Moura, 2000). Como apresentado no primeiro ponto deste trabalho, a família constitui o grupo primário de socialização da criança, sendo a família que a apresenta ao mundo e é no seu seio que esta se forma como pessoa, pois são os pais que lhe transmitem valores e as regras que vigoram na sociedade em que se encontra inserida. Quadros e Massutti (2007) sublinham esta ideia, ao referir que a generalidade dos surdos teve contacto com a língua gestual e utilizam-na em

associações e outro tipo de instituições voltadas para este público específico e nestes espaços, na maioria das vezes, os CODA são inseridos nestas comunidades através dos pais, convivendo e crescendo com crianças e adultos surdos, exercitando a sua língua e cultura. Num testemunho real e pessoal, Almeida (2011, p. 14) afirma que ser filha de pais surdos permitiu que tivesse a oportunidade de crescer num mundo diferente do dos outros meninos à minha volta. Um mundo que muito tinha de maravilhoso e surpreendente, características que só mais tarde pude apreciar pois em criança para mim tudo era natural.

Desde que nascem, os CODA aprendem e contactam com a língua gestual e, sendo os seus pais surdos, desde cedo interagem com a comunidade surda, crescendo a sinalizar em casa, com amigos surdos, nas associações de surdos ou nas suas festas (Quadros & Massutti, 2007). Estão sempre rodeados de duas línguas - a língua oral e a língua gestual - e por isso, crescem em ambiente bilingue e bicultural (Sousa, 2012a). No entanto, apesar de ouvirem e falarem a língua oral, muitos CODA assumem a língua gestual como a sua língua materna e deste modo, apresentam características muito particulares: são um ouvinte diferente dos outros, uma vez que apresentam uma identidade 'surda' e por outro lado, são também diferentes dos surdos, pois têm experiências auditivas (Streiechen & Krause-Lemke, 2013). Tendo como referência a sua experiência enquanto CODA, Almeida (2011, p. 14) salienta como aprendeu a LGP e como desenvolveu a língua oral e a língua gestual, à medida que foi crescendo:

Cresci com os meus pais que me deram todo o carinho e todos os ensinamentos que os pais naturalmente proporcionam aos seus filhos. Com eles fiz a aquisição da língua gestual portuguesa ao ritmo e com a curiosidade naturais de uma criança, sem pressas nem pressões.

O CODA, por conviver entre dois mundos e duas culturas (surda e ouvinte), muitas vezes assume o papel de intérprete na medida em que "para as famílias surdas, os CODA são vistos como possíveis 'pontes' entre os mundos surdo e ouvinte" (Quadros & Massutti, 2007, p. 261). Esta interação simultânea com duas realidades distintas pode colocar alguns obstáculos ao CODA (como ficou perceptível no primeiro capítulo). Sousa (2012a, p. 415) explica que "as crianças quando envolvidas com pais

que usam uma língua e paralelamente uma cultura diferente da maioria da sociedade, vêem-se muitas vezes confrontados com situação atípicas". Mas, por outro lado, esta interação também pode ser muito positiva e é este aspeto que deve ser enaltecido. Enquanto CODA, Almeida (2011, p. 14) reforça este aspeto positivo e explica como desenvolveu a língua oral e a língua gestual e como fazia de intérprete dos pais ao afirmar:

Fui crescendo e ao mesmo tempo que gestualizava com os meus pais falava oralmente com os meus familiares ouvintes, vizinhos e irmã. Não me recordo qual das duas línguas teve maior presença no meu dia a dia mas também não me apercebi que isso tivesse feito alguma diferença. Fui para a escola e tive uma escolaridade normal, sem grandes sobressaltos. Já em pequena traduzia para os meus pais os telejornais, telenovelas e até discursos políticos.

Constata-se, portanto, que pelo facto de possuir duas línguas para descrever o mundo que o rodeia e de contactar com realidades distintas, proporciona ao bilingue condições para compreender e interpretar o mundo de modo mais flexível e, concomitantemente, estimula a flexibilidade do seu pensamento (Peal & Lambert, 1962 citados por Zimmer, Finger & Scherer, 2008).

## 2.2.A COMUNICAÇÃO ATRAVÉS DA LÍNGUA PORTUGUESA ORAL

O ser humano é um ser biológico, psicológico e social e em relação a esta última dimensão fica perceptível que para sobreviver, o ser humano necessita interagir com o meio em que está inserido e comunicar com os seus semelhantes. Para tal, socorre-se de uma capacidade que lhe é única e que o distingue dos outros seres vivos: a capacidade de se expressar através da linguagem, capacidade essa que lhe permite organizar os seus pensamentos, as suas crenças e o seu mundo interior, e exteriorizá-las através da língua oral (e também da escrita) (Nobre & Fávero, 2011). É por estes motivos que “a competência de comunicação oral, quer seja na produção ou no

reconhecimento da palavra falada, assume, nas nossas sociedades, uma importância crescente" (Faria, 2009, p. 19).

O ato comunicativo é um processo dinâmico, natural e espontâneo e que implica interação entre duas ou mais pessoas, visando a partilha de experiências, necessidades, desejos, sentimentos e ideias pelo que, desde que nasce, mesmo com as suas capacidades inatas para falar e comunicar, a criança tem que interagir socialmente e estar exposta à comunicação verbal (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008).

A comunicação oral é natural e apreendida através da tradição oral, tem um carácter funcional e é inovadora (Bagno, 2004). A fala é, muitas vezes, complementada com expressões faciais, sons e na sua produção participam vários órgãos e partes do corpo humano como os lábios e a língua, por exemplo. No entender de Koch (2007) a fala e a escrita apresentam características bem diferentes. A primeira é incompleta, fragmentada, não é planeada e predominam as frases curtas; já a segunda é planeada, completa, não é fragmentada e predominam as frases complexas e o uso abundante da subordinação. Desta forma, verifica-se que “a oralidade é mais espontânea que a escrita e tem o poder da comunicação imediata, enriquecido pela pronúncia, pela entonação, pela melodia, pelo timbre da voz, pela acentuação e pela expressão corporal” (Guimarães, 2003, p. 58). De facto, os seus diversos fenómenos, como a prosódia, os movimentos que faz com o corpo e com os olhos e os gestos que utiliza numa conversa, auxiliam a construção do sentido por parte do interlocutor (Nobre & Fávero, 2011). Desta forma, conforme realça Guimarães (2003, p. 57),

a comunicação expressa corretamente é fundamental para se transmitirem os sentimentos, as opiniões e a visão de mundo de cada um, visando compartilhar modos de vida e comportamentos, estabelecidos por regras de carácter social. A linguagem da comunicação é instrumento necessário à interação humana (...).

O homem é um ser que fala (Marcuschi, 2005), mas “não se trata, simplesmente, de se ensinar a criança a falar, mas de desenvolver a sua oralidade e saber lidar com ela nas mais diversas situações” (Dias, 2001, p. 36). A fala pode ser entendida como uma manifestação da prática social, sendo adquirida de forma natural através do

contacto contínuo com outros falantes da língua, desde que a criança nasce (Nobre & Fávero, 2011). E, é neste sentido que Chaer e Guimarães (2012, p. 74) afirmam que a linguagem oral tem uma função prática imprescindível na vida humana e social. É uma habilidade construída socialmente, isto é, a criança ensaia desde o primeiro momento da sua vida. A relação de comunicação no primeiro ano ocorre por meio da troca de experiências interpessoais com familiares e professores.

Portanto, ainda que a capacidade de comunicar seja uma característica da raça humana, não basta que o indivíduo saiba falar. É imperativo que o mesmo desenvolva a sua oralidade e seja estimulado, nomeadamente pela escola, para assim ser capaz de expressar os seus pensamentos, emoções e opiniões. Mais do que falar, que a criança desenvolva as competências específicas da língua como a compreensão e expressão oral e a leitura e a escrita. É neste sentido que Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) referem que para que ocorra o desenvolvimento da linguagem oral da criança, é fundamental que esta interaja comunicativamente com os seus pares e também com adultos, sendo igualmente importante o desenvolvimento de atividades lúdicas a fim de promoverem as capacidades verbais da criança face à compreensão e expressão oral.

Sendo a fala e oralidade um dos modos de comunicar e, sendo a comunicação tão importante para o desenvolvimento e interação do ser humano com outros seres humanos, o ensino da língua portuguesa não se pode reduzir à escrita. Como realça Cagliari (2007, p. 83)

Aprender português (...) não é só aprender como a língua (e suas variedades) funcionam, mas também estudar ao máximo os usos linguísticos; e isso não significa só aprender a ler e escrever, mas inclui ainda a formação para aprender e usar as variedades linguísticas diferentes, sobretudo o dialeto-padrão. A escola dessa forma não só ensinaria português, como desempenharia ainda o papel imprescindível de promover socialmente os menos favorecidos pela sociedade.

## 2.2.1.A Comunicação através da LGP

A LGP apresenta uma estrutura bastante específica e distinta da que é utilizada na Língua Portuguesa (Baltazar, 2010), contudo, é de salientar que língua gestual é um tipo de linguagem que não é assim tão diferente de muitas outras formas de linguagem (Ferreira, 2002). À semelhança do que acontece na língua falada, onde diferentes vocábulos, que variam de acordo com a região onde é falada, fazem referência a um mesmo objeto também na LGP se verifica que são utilizados diferentes gestos para uma mesma palavra, variando em função da comunidade (Sousa, 2012b).

Hoje a língua gestual é conhecida como a língua natural das comunidades surdas e é através dela que os surdos comunicam, em diversos espaços e contextos, reduzindo as barreiras de comunicação para com os outros (Goldfeld, 2002). Trata-se de um sistema organizado em função de uma língua, neste caso a língua portuguesa, com a modalidade de produção motora da mão e do corpo e com a modalidade de percepção visual (Goldfeld, 2002). Ou seja,

a comunidade surda utiliza gestos que representam as imagens simbólicas dos conceitos exprimidos. É o conjunto dos parâmetros do gesto, assim como a expressão da face e o movimento do corpo, que criam uma imagem precisa da ideia expressa. No entanto, há palavras que, por serem pouco usuais ou muito específicas, não fazem parte do léxico e necessitam de ser soletradas. (Sousa, 2012b, p. 10)

A língua gestual, tal como outras línguas, possui um léxico e uma gramática própria (Ferreira, 2002) e face à LGP é ainda de referir que o alfabeto é composto por símbolos que são realizados com a mão dominante do falante da língua. Na LGP predomina a sequência sujeito-objeto-verbo, não sendo utilizadas preposições e, quando o sujeito é constituído por um pronome pessoal, pode não ser necessário marcar o sujeito caso este esteja implícito no contexto (Sousa, 2012a). A mesma autora acrescenta ainda que “a marcação de tempo verbal é feita pelos advérbios de tempo ou, na sua ausência, pelo movimento do corpo (para a frente indica futuro e para trás indica passado)” (Sousa, 2012a, p. 9).

A LGP pode ser entendida como um sistema organizado com modalidade de produção e de percepção diferente, que é composta por elementos comparáveis onde são adotadas regras gramaticais semelhantes (Santana, 2007). Tratando-se de uma língua manuo-visual e falada, a LGP ocupa um espaço tridimensional, onde os seus sinais podem ser constituídos, no máximo, por seis elementos principais - a orientação e configuração das mãos, a sua localização em relação ao tronco ou cabeça, os dedos, a expressão facial, o movimento corporal, e alguns sons preferidos - e os quais representam todo o meio que a circunda (Fernandes, 2003).

A língua gestual não é igual em todos os países, tendo a sua própria sintaxe, organização e sequencialidade de gestos, no espaço e no tempo, mas é possível identificar três sistemas que lhe subjazem: Sistema Fonológico; (o qual se centra nas configurações e movimentos envolvidos na produção dos gestos); Sistema Morfológico; e Sistema Sintático (refere-se à ordem de palavras utilizada) (Ferreira, 2002). Quanto aos gestos, estes podem ser classificados em três tipos: icónicos, gestos facilmente compreendidos por qualquer pessoa, surdo ou não, pois contemplam elementos de semelhança com a realidade apresentada (Mesquita & Silva, 2007); referenciais, gestos que indicam objetos ou locais, apontando para eles, ou mencionando factos para a construção do relato (Baltazar, 2010); e arbitrários, gestos que transmitem conceitos abstratos e não se sustentam na forma para a sua representação e são, por isso, convencionados (Baltazar, 2010; Mesquita & Silva, 2007).

Sendo uma língua como as demais, mas com a diferença de recorrer aos gestos e não às palavras, a língua gestual é uma língua espacial-visual que pode ser explorada de muitas formas para um processo e alfabetização com êxito, desde a configuração da mão e os movimentos, às expressões faciais gramaticais, localizações, movimentos de corpo e espaço de sinalização (Deus, s/d). Desta forma, partindo-se do pressuposto de

que qualquer linguagem é uma forma de comunicação que exterioriza todos os nossos conhecimentos, podemos reconhecer que, em princípio, falar por gestos ou por outra forma, será o mesmo, com as dificuldades inerentes a cada processo de comunicação. Com certeza que duas pessoas falantes se conseguem comunicar sem problemas

consideráveis. O choque surge quando estes dois grupos decidem falar entre si. Esta comunicação torna-se extremamente difícil sem a presença de um intérprete. (Ferreira, 2002, p. 4)

Considera-se crucial sublinhar que hoje, porque nem sempre assim foi, a LGP e a cultura da comunidade surda são um património valioso para a comunidade surda portuguesa e o reconhecimento oficial da língua reforçou ainda mais o valor que a LGP e a cultura dos surdos já representava para os seus membros (Marins, 2011).

## 2.2.2. O Bilinguismo

Neste segundo capítulo explicou-se quem são os CODA e explorou-se a comunicação através da língua portuguesa oral e da LGP, uma vez que os CODA conseguem comunicar das duas formas e sendo bilingues, considera-se pertinente abordar o conceito de bilinguismo, nomeadamente, nesta população.

Apresentar uma definição precisa do que é o bilinguismo não é tarefa fácil, dado os aspetos e fatores envolvidos, isto porque, não se trata de um mero processo de aquisição de duas línguas - este implica que o indivíduo possua a capacidade idêntica à do falante nativo (Soares, 2008). Entre as diversas discussões que a concetualização de bilinguismo tem gerado, a sua grande maioria é instigada pelas novas configurações mundiais que decorrem da globalização e das relações estabelecidas entre indivíduos de diferentes locais ou culturas (Gubert, 2015). Nesta ordem de ideias, as relações linguísticas tendem a aumentar, verificando-se que cada vez mais falantes procuram aprender outro idioma, seja por necessidades comunicativas específicas ou por motivos de ascensão social e por isso, o bilinguismo está presente em todas as sociedades (Gubert, 2015). Diante do mencionado, é possível constatar um facto: atualmente, falar mais do que uma língua é quase como que uma necessidade.

Como se começou por referir, definir bilinguismo não é fácil e esta questão tem suscitado o debate entre teóricos e investigadores que se dedicam ao seu estudo e neste sentido, não há uma definição consensual de bilinguismo e a literatura que versa sobre o tema evidencia isso mesmo, dadas as múltiplas perspetivas que se encontram. No entender de Heye (2003, p. 34) o bilinguismo pode ser definido como “a situação em que coexistem duas línguas como meio de comunicação num determinado espaço social, ou seja, um estado situacionalmente compartimentalizado de uso de duas línguas”. Já para Bullock e Toribio (2009), o bilinguismo traduz-se na alternância de línguas, a qual permite perceber a habilidade dos bilíngues em gerir diferentes sistemas linguísticos, a qual resulta de fatores cognitivos, linguísticos e sociais.

Uma outra perspetiva, entende que o bilinguismo reflete o conhecimento e utilização frequente de duas ou mais línguas, correspondendo à aquisição e domínio das línguas ao longo do período de aquisição da LM, a língua que o ser humano adquire no seio familiar, através da sua interação e socialização com a mesma, e da exposição ao meio (Martins, 2011).

Portanto, numa perspetiva geral, o bilinguismo representa a habilidade de adquirir e utilizar duas línguas e por isso, pode dizer-se que os CODA são bilíngues pois adquirem a língua oral e também a língua gestual como primeira língua (Sousa, 2012a). Sustentando-se noutros autores, Martins (2011, p. 27) refere que

o bilinguismo é a única via através da qual a pessoa surda poderá ser atendida nas suas necessidades, quer dizer, comunicar com os seus pares desde uma idade precoce, desenvolver as suas capacidades cognitivas, adquirir conhecimentos sobre a realidade externa, comunicar plenamente com o mundo circundante e converter-se num membro do mundo surdo e do mundo ouvinte.

Podemos então considerar que o mesmo se aplica aos filhos ouvintes de pais surdos, pois o bilinguismo é a única forma através da qual os CODA não só comunicam com a sua família e com a comunidade surda, como também comunicam com o mundo ouvinte. Isto porque, no seu seio familiar comunicam através da língua gestual e por exemplo, quando ingressam na escola, e mesmo no jardim de infância, e mais tarde na vida adulta, enquanto ouvintes que interagem com ouvintes,

comunicam através da língua oral. A aquisição de duas línguas de forma natural é designada de bilinguismo e os CODA, desde que nascem, estão rodeados de estímulos visuais, dado que os seus pais comunicam através da língua gestual (Sousa, 2012a), mas também desenvolvem a fala, seja através do contacto com familiares ou quando integram o mundo ouvinte (por exemplo, a escola). É neste sentido que Quadros, Lillo-Martin e Emmorey (2016, p. 140) explicam que "os CODA, representam um grupo de bilíngues bimodais que tem uma língua de herança em língua de sinais e estão num país que usa uma língua falada de forma irrestrita em diferentes espaços sociais".

### 2.3.SÍNTESE

Tendo presente o objetivo deste estudo - explorar a perspetiva de filhos ouvintes de pais surdos relativamente ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo - e com a finalidade de se construir um quadro teórico que fundamenta devidamente o mesmo, o foco do primeiro ponto esteve voltado para o desenvolvimento humano, nomeadamente para as suas dimensões familiar, educativa e social. Entendeu-se que era necessário explicar e compreender o processo de desenvolvimento humano, um processo multidimensional e no qual intervêm diferentes fatores, intrínsecos e extrínsecos, para depois, sim, ser possível perceber este mesmo processo na condição de CODA, o que é feito neste segundo ponto. Isto porque, sendo do nosso conhecimento que a família desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento, sendo através dela que a criança conhece e adquire a língua materna, tem o primeiro contacto com a sociedade e que lhe são transmitidos os valores e os costumes da cultura que a envolve, é importante perceber como tudo isto decorre ao longo do seu desenvolvimento e crescimento enquanto criança ouvinte e filha de pais surdos. Pois desde que nascem, os CODA aprendem e contactam com a língua gestual e, sendo os seus pais surdos, desde cedo interagem com a comunidade surda.

Sendo a comunicação um processo fundamental para o ser humano, uma vez que para sobreviver este necessita interagir com o meio que o envolve e comunicar com os seus semelhantes, abordou-se também o processo comunicativo. Trata-se de um processo dinâmico, natural e espontâneo, que requer a interação entre duas ou mais pessoas, e apesar das suas capacidades inatas para falar e comunicar, é necessário que a criança interaja socialmente e esteja exposta à comunicação verbal. Tanto a linguagem oral como a escrita são capacidades que distinguem o ser humano de outros seres vivos, uma vez que estes também comunicam, mas estas só são desenvolvidas quando devidamente estimuladas.

Os CODA, por adquirirem em simultâneo duas línguas que lhes permitem descrever o mundo que os rodeia e de contactar com realidades distintas, são bilíngues e proporciona-lhes condições para compreender e interpretar o mundo de modo mais flexível e, concomitantemente, estimula a flexibilidade do seu pensamento. Deste modo, o bilinguismo surge como a habilidade falar uma língua distinta da língua materna, sendo por isso uma característica dos CODA que utilizam a LGP e a Língua Portuguesa Oral.

O ser humano é um ser complexo e para sobreviver, necessita interagir com o meio em que está inserido, assim como de comunicar com outros seres humanos e para isso, faz uso de uma capacidade que lhe é única e que o distingue dos outros seres vivos: a capacidade de comunicar oralmente, através de um sistema linguístico. No que diz respeito à LGP, é importante referir que esta apresenta uma estrutura específica e diferente da Língua Portuguesa, tendo também as suas próprias expressões, sintaxe e organização.

### **3. ESTUDO EMPÍRICO**

#### **3.1. INTRODUÇÃO**

A revisão teórica apresentada ao longo da parte teórica permite-nos dar conta de alguma diversidade face ao desenvolvimento de crianças ouvintes filhas de pais surdos em comparação ao de crianças ouvintes filhas de pais ouvintes. Os CODA contactam desde cedo com duas realidades diferentes, pelo que o seu processo de socialização e também o de aquisição da língua materna é ligeiramente diferente.

Este capítulo pretende resumir o percurso ao longo do desenvolvimento do estudo, no que se refere às opções metodológicas.

#### **3.2. MÉTODO**

O estudo que agora se apresenta é um estudo de caso e pretende aferir a perspetiva de indivíduos face a acontecimentos e experiências da sua vida (a perspetiva de filhos ouvintes de pais surdos, face ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo). Segundo Campos (2012) esta é uma metodologia que visa “desenvolver uma compreensão de como o mundo é construído, reflexão que pode ser realizada sob diferentes perspetivas” (p. 20).

A investigação qualitativa foca-se em problemas e fenómenos do quotidiano e nos significados que as pessoas atribuem ao mundo que as envolve, pelo que o conhecimento procurado reside nas experiências de vida e nos significados (Bogdan & Biklen, 2013).

Esta investigação surgiu de uma necessidade de conhecer a perspetiva dos CODA relativamente ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo. Nesse sentido procuramos dar resposta às seguintes questões de investigação:

- Qual a influência ou o impacto de ter sido educado por surdos no seu desenvolvimento social, familiar e educativo?
- Quais as vantagens e desvantagens que decorrem do facto de serem filhos de pais surdos (atendendo às três dimensões)?
- Quais os aspetos a mudar ou melhorar na sociedade ouvinte face aos indivíduos surdos e aos seus filhos ouvintes?

Partindo destas questões, o estudo empírico teve por objetivo explorar a perspetiva de filhos ouvintes com pais surdos acerca do seu processo de desenvolvimento social, familiar e educativo.

### 3.2.1. Participantes

Quando se fala de universo de investigação, fala-se do conjunto de elementos (pessoas ou não) que reúnem as mesmas características e as quais estão em evidência no estudo (Fortin, 2003) e neste caso, abrange indivíduos ouvintes e que são filhos de pais surdos. A amostra, por sua vez, traduz-se no “subconjunto dos elementos da população” (Fonseca, 2008, p. 52). Os participantes neste estudo foram: 14 indivíduos, com idades compreendidas entre os 19 e os 35 anos, dos quais quatro são do género masculino e 10 do género feminino. Os critérios de inclusão foram: ser ouvinte; ambos os pais serem surdos. Para garantir a confidencialidade dos participantes ao longo do estudo serão atribuídas a cada um deles uma letra (de A a N).

### 3.3. INSTRUMENTOS

Considerando os objetivos da investigação previamente identificados, o documento para os participantes foi composto por: 1) Informação do estudo aos participantes – contempla a identificação da investigadora e da orientadora da investigação, o tema e objetivo principal do estudo, sendo explicada a garantia de confidencialidade dos dados e anonimato dos participantes (cf. Apêndice 1); Documento de consentimento informado – assegura que a participação dos filhos ouvintes de pais surdos é de livre-arbítrio, sendo consentida a sua participação, que ocorre de forma voluntária, após a compreensão dos objetivos do mesmo (cf. Apêndice 1); 2) Questionário de dados sociodemográficos sobre o participante e os pais (cf. Apêndice 2); e Guião da entrevista (cf. Apêndice 3).

Quanto aos procedimentos de investigação, é necessário referir que se começou por realizar uma pesquisa bibliográfica em função do tema em análise e a qual sustentou o quadro teórico-conceitual que fundamenta o trabalho. Em seguida, recorreu-se ao método “da bola de neve” para constituir a amostra de estudo (contactou-se um filho que facultou o contacto de outro e, assim sucessivamente). Segundo Vinuto (2014, p. 203) este método constitui "uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. (...) não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acedidos", como é o caso. Além disso, o presente estudo não contempla análises estatísticas, o que torna este método de amostragem adequado, pois "vários autores ressaltam que não se deve lançar mão desse tipo de amostragem se o objetivo da pesquisa estiver relacionado à probabilidade" (Vinuto, 2014, p. 203).

Depois de aceitar participar no estudo presente, foi entregue a cada participante uma carta de consentimento informado, onde eram apresentados os objetivos da investigação e garantida a confidencialidade dos dados, bem como o anonimato da pessoa. Assegurou-se também que a informação disponibilizada apenas seria utilizada neste estudo.

Em seguida, procedeu-se à aplicação dos inquéritos por questionário e à realização das entrevistas, algumas das quais foram realizadas presencialmente e outras, via *Skype*. A acrescentar, é o facto de se ter entregue o guião da entrevista, antes de ser aplicada aos participantes, a duas pessoas, com o objetivo de se aferir a pertinência e clareza das questões, as quais deram um parecer positivo. Através das entrevistas realizadas, recolheu-se informação referente às áreas **familiar** (Papel dos Filhos, Relação com os pais, Papel como membro de família com pais surdos, Ser intérprete e influência na relação com os pais, Estratégia para uma relação positiva com os pais), **social** (Impacto na vida social, Vantagens e desvantagens dos CODA, Constrangimentos nas interações sociais, Aspectos que faltam na sociedade) e **educativa** (Primeira língua e influência na educação, Influência de ser CODA no percurso educativo, Acompanhamento dos pais durante o percurso escolar, Aspectos a modificar para maior apoio aos alunos CODA e Desafios enfrentados).

A técnica de análise de dados utilizada foi a análise de conteúdo, um “processo de busca e de organização sistemática de transcrições de entrevistas, de notas de campos e de outros materiais que foram acumulados” (Bogdan & Biklen, 2013, p. 205), possibilitando uma maior compreensão da temática investigada.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. CARACTERIZAÇÃO SÓCIODEMOGRÁFICA

O questionário sociodemográfico aplicado serviu para recolher dados gerais sobre os participantes do estudo.

No que diz respeito à dimensão da amostra, participaram no estudo 14 indivíduos e, de acordo com o sexo, a sua maioria é do sexo feminino (71.43%). Relativamente à idade verifica-se que mais de metade (64,29%) tem entre 20 e 30 anos e apenas um indivíduo tem menos de 20 anos.

Face à área de residência, apesar da grande diversidade de cidades encontrada, é possível aferir que a maioria dos indivíduos reside em cidades da região norte do país (78.57%) e, quanto ao estado civil, constata-se que mais de metade da amostra é constituída por indivíduos solteiros (71.43%).

Em relação às habilitações académicas, verificou-se que pouco mais de metade da amostra possui o ensino superior (57.14%), seguindo-se o ensino secundário (28.57%) e o ensino básico até ao 9.º ano (14.29%).

Importa ainda referir que dos oito participantes que referem possuir o ensino superior, três possuem a licenciatura, outros três uma pós-graduação e dois o mestrado.

**Quadro 1 - Sexo, idade, cidade, estado civil e habilitações académicas dos participantes**

		<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Sexo</b>	<b>Feminino</b>	10	71.43
	<b>Masculino</b>	4	28.57
	<b>Total</b>	14	100
<b>Idade</b>	<b>Menos de 20 anos</b>	1	7.14
	<b>Entre 20 e 30 anos</b>	9	64.29
	<b>Mais de 30 anos</b>	4	28.57
	<b>Total</b>	14	100
<b>Cidade residência</b>	<b>Águeda</b>	2	14.29
	<b>Gondomar</b>	1	7.14
	<b>Guarda</b>	2	14.29
	<b>Guimarães</b>	2	14.29
	<b>Lisboa</b>	1	7.14
	<b>S. Mamede Infesta</b>	1	7.14
	<b>Vila Nova de Famalicão</b>	1	7.14
	<b>Vila Nova de Gaia</b>	1	7.14
	<b>Vale de Cambra</b>	1	7.14
	<b>Valongo</b>	2	14.29
	<b>Total</b>	14	100
<b>Estado civil</b>	<b>Solteiro(a)</b>	10	71.43
	<b>Casado(a)</b>	2	14.29
	<b>União de facto</b>	2	14.29
	<b>Divorciado(a)</b>	0	0
	<b>Viúvo(a)</b>	0	0
	<b>Total</b>	14	100
<b>Habilitações académicas</b>	<b>Ensino básico incompleto</b>	0	0
	<b>Ensino básico (até ao 9.º ano)</b>	2	14.29
	<b>Ensino secundário</b>	4	28.57
	<b>Ensino superior</b>	8	54.14
	<b>Total</b>	14	100
<b>Habilitações académicas no ensino superior</b>	<b>Licenciatura</b>	3	37.5
	<b>Pós-graduação</b>	3	37.5
	<b>Mestrado</b>	2	25
	<b>Doutoramento</b>	0	0
	<b>Total</b>	8	100

A profissão da amostra varia bastante, sendo que quatro indivíduos são estudantes (28.57%) e três são intérpretes de LGP (21.45%).

**Quadro 2 - Profissão**

	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Analista</b>	1	7.14
<b>Assistente de balcão</b>	1	7.14
<b>Estudante</b>	4	28.57
<b>Farmacêutico(a)</b>	1	7.14
<b>Intérprete de LGP</b>	3	21.45
<b>Operador(a) de caixa e animador(a) social</b>	1	7.14
<b>Operador(a) de posto</b>	1	7.14
<b>Programador(a)</b>	1	7.14
<b>Responsável de logística</b>	1	7.14
<b>Total</b>	14	100

Em relação ao número de pessoas no agregado familiar, metade da amostra refere que o agregado é composto por quatro pessoas e do total de participantes, nove (64.29%) afirmam ter irmãos e cinco são filhos únicos. Dos nove indivíduos que indicam ter irmãos, todos eles têm um irmão e quando questionados sobre a posição que o irmão ocupa na fratria, quatro referem ter um irmão mais novo e três um irmão mais velho. É ainda de referir que dois participantes não responderam a esta questão.

Sobre se algum dos irmãos é surdo, apenas um inquirido afirma ter um irmão que sofre de surdez (7.14%). Quando se perguntou aos participantes se vivem com os pais, mais de metade (64.29%) apresentou uma resposta afirmativa. Relativamente ao domínio da LGP, a esmagadora maioria afirma dominar a língua (92.86%), sendo que apenas um inquirido refere não dominar a LGP.

**Quadro 3 - Agregado familiar, irmãos e domínio da LGP**

		<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Número de pessoas no agregado familiar</b>	<b>0</b>	1	7.14
	<b>1</b>	1	7.14
	<b>2</b>	2	14.29
	<b>3</b>	3	21.43
	<b>4</b>	7	50
	<b>Total</b>	14	100
	<b>Tem irmãos</b>	<b>Sim</b>	9
<b>Não</b>		5	35.71
<b>Total</b>		14	100
<b>Posição do irmão na</b>	<b>Mais novo</b>	4	44.45

fratia	Mais velho	3	33.33
	Não respondeu	2	22.21
	Total	9	100
Algum dos irmãos é surdo	Sim	1	11.11
	Não	8	88.89
	Total	9	100
Vive com os pais	Sim	9	64.29
	Não	5	35.71
	Total	14	100
Domínio da LGP	Sim	13	92.86
	Não	1	7.14
	Total	14	100

#### 4.2.A PERSPETIVA DE FILHOS OUVINTES DE PAIS SURDOS

Considerando o objetivo do trabalho, o guião que auxiliou as entrevistas realizadas aos participantes do estudo contempla três áreas: a familiar, social e educativa. Através da transcrição e análise das entrevistas foi possível identificar, em cada uma das três áreas mencionadas, os vários subtemas presentes e as respetivas categorias (mapa de codificação cf. Apêndices 4, 5 e 6).

Em primeiro lugar perguntou-se aos participantes, iniciando-se ela **área familiar**, enquanto ouvintes, como era ser filho de pais surdos. A generalidade dos entrevistados utiliza os termos e expressões "normal", "natural", "especial", "estou habituado a isso", "é um mundo diferente" para descrever o que é ser CODA. Todos eles demonstram orgulho nos seus pais, referindo que é um mundo diferente e que tiveram que "amadurecer", assumir responsabilidades mais cedo e por vezes, desempenhar o papel de intérpretes.

A análise de conteúdo do subtema *papel dos filhos* evidenciou seis categorias (quadro 4 – Experiência de ser um CODA cf. Apêndice 7): igualdade/ normalidade, mencionada pelos entrevistados A, J, L, M, E, F, I, K e D em expressões como “*para mim é o que é normal, porque eu estou inserida nesse meio*” e “*Para mim é muito normal, eu*

*não conheço outra realidade (...) Eu acho que durante muito anos achei que toda a gente vivia como eu”, “acho que é tudo igual” e “eu acho que sou igual aos outros, não há diferenças”; diferença, mencionada pelo entrevistado B, G, E, H, J, L e C, que se verifica em expressões como “É diferente, digo muitas vezes que sou especial”; orgulho, mencionada por B, G, E e N, em expressões como “é uma coisa que eu levo no meu coração e que defendo com muita força” e “é um privilégio ser filha de pais surdos”; amadurecimento precoce e responsabilidade, mencionada por D, L, J e C, como se pode verificar em expressões como “crescer mais cedo do que devia, amadurecer mais rápido”, “abordar assuntos em idades que não fazia muito sentido isso acontecer”, “ser mais responsável que os meus amigos todos quando era pequeno (...) Porque há certas alturas que somos filhos mas também somos pais ao mesmo tempo” e “o que significa é que quando o meu pai tem que tratar de assuntos eu tenho que ir com ele”; maior proximidade/ afetividade e advoga pelos pais, mencionada por C e D, quando dizem “queremos ser um bocadinho mais para eles, mostrar mais carinho, ser mais aberto”, “nós somos ali uma pessoa que estamos a tentar destruir esses obstáculos e ajudá-los”, “eu acabo por sentir que sou mais chegado aos meus pais do que outros que não têm se calhar este problema” e “vejo os meus pais, nesta altura, como pessoas que eu quero muito mimar mais do que o normal”; revolta pela diferença, mencionada por E, I e N, verificando-se em expressões como “ao longo do tempo fui mudando a ideia negativa que tinha sobre ter os pais surdos” e “Na adolescência houve de tudo (...) criticavam ou gozavam comigo por causa disso (...) O meu desenvolvimento nem sempre foi bom, muitos medos pelo meio, muitas desilusões, e grande parte partia de mim e obviamente que hoje em dia eu sei disso mas no processo de crescimento com um psicólogo pelo meio (...) sempre custou”.*

Voltando o eixo da atenção para a relação dos participantes com os seus pais, os entrevistados salientam a proximidade, a amizade e cumplicidade na relação e a ajuda que prestam aos pais. Referem que o facto de ouvirem e os pais não, fortalece a relação porque há mais proximidade e classificam-na de "especial", "perfeita", "muito boa", "maravilhosa" e "saudável". No entanto, alguns salientam que "é complicado", o que é justificado por algumas dificuldades na comunicação e o facto de poder haver uma interpretação errónea da mensagem. Assim, relativamente ao subtema *relação com os pais* a análise de conteúdo permitiu identificar um conjunto

de seis categorias (Quadro 5 – Relação com os pais cf. Apêndice 8): dificuldades de comunicação, mencionada por A e G, *“Eu como ouvinte muitas vezes tenho dificuldades com os meus pais de os fazer entender as coisas como elas são”*; maior proximidade/afetividade com os pais, mencionada por B, E, F, L, D e C, dizendo que *“Acho que a relação acaba por ser mais forte (...) mas sim considero que esse facto (...) e termos passado muita coisa que isso ajudou muito em termos de fortalecer a relação que temos uns com os outros”* e *“Sou muito apegada a eles, assim como eles a mim”*; mediador/ facilitador, mencionada por B, F e C, ao afirmarem que *“eles precisam muito da minha colaboração no seio da família”* e *“conseguirmos nós como filhos e intérprete, arranjar esse equilíbrio”*; amadurecimento precoce/ responsabilidade mencionada por C e H, como se verifica em *“por vezes sou mais adulta que eles porque há certos assuntos que eles não sabem resolver”*; novas tecnologias como facilitador, mencionada por C, ao afirmar que *“com as novas tecnologias isso facilitou muito, e sinto que eles já se desenrascam melhor sozinhos”*; boa relação/ comunicação com os pais, mencionada por E, N, L, M, H e K, referindo *“É muito boa, comunicamos desde sempre em língua gestual portuguesa”* e *“Consigo chegar até eles como as pessoas normais conseguem chegar.”*;

Quanto ao papel desempenhado no contexto familiar alargado, isto é, em festas e convívios familiares, os entrevistados apontam a necessidade de incluir os pais, ajudá-los através do seu papel de "intérpretes", "tradutores" e "mediadores". No subtema *papel como membro de família com pais surdos*, a análise de conteúdo colocou em destaque duas categorias (Quadro 6 – Papel no contexto familiar cf. Apêndice 9): necessidade/ responsabilidade de inclusão dos pais, mencionada por B, G, F, I, H, J, K e A, quando afirmam *“eu sinto muito a obrigação de incluir os meus pais”, “a minha preocupação maior é que os meus pais se integrem na festa e que percebam o que se está a passar, não deixá-los sentir que estão de parte”*; representante/intérprete, mencionada por A, E, F, H, I, M, N, B e C, ao referirem *“Ser intérprete. Em qualquer situação em contexto familiar e não só, usam-me como intérprete tanto os meus familiares ouvintes como os meus pais”, “Claro que é muitas vezes de mediador”*;

Relativamente à influência, enquanto intérprete, na relação com os seus pais, os entrevistados demonstram prazer e gosto em ser intérpretes dos pais, mas salientam que nem sempre tudo é fácil (entrevistado A). Não o vêem como uma obrigação mas

como um dever e um auxílio, reconhecem a sua importância enquanto intérpretes, pois são conhecedores da realidade dos surdos e das suas dificuldades no quotidiano. Ser intérprete parece não ter tido grande influência na vida dos participantes, assumem-se até como responsáveis dos pais e um dos deles salienta mesmo que o faz sentir-se útil (entrevistado C), gratificante (entrevistado F) e que melhorou a relação e os tornou mais próximos (entrevistado D). No subtema *ser intérprete e influência na relação com os pais*, identificaram-se cinco categorias de análise (Quadro 7 – Influência, enquanto intérprete, na relação com os pais cf. Apêndice 10): dificuldades em ser intérprete, mencionada por A, G, M e H, como se verifica em “*é um bocado difícil para mim ter sempre que ser a intérprete*”, “*mas é difícil explicar tudo ao pormenor e às vezes tipo é complicado para mim como também para eles*”; necessidade de intérpretes nos serviços públicos, mencionada por B, afirmando “*vamos às finanças, à segurança social, fazemos ali de intérpretes (...) E senti cada vez mais quando comecei a participar na associação (...) Ver que os surdos para qualquer situação (...) eles precisavam de alguém para os acompanhar*”; proximidade/ responsabilidade, mencionada por N, G, F e E, quando mencionam que “*Acho que torna a nossa relação melhor, somos muito unidos. O facto de eu ser intérprete faz com que eu os conheça muito muito bem e faz-me sentir que sou responsável*” e “*Em relação à nossa relação como eu disse anteriormente une-nos mais porque eles dependem mais de mim para a sua comunicação*”; normalidade, mencionada por F, K e L, referindo que “*para mim é uma coisa normal*” e “*É normal. Eu estava com eles, ia ao supermercado ou ia a um restaurante, automaticamente tinha de traduzir o valor da conta final*”; satisfação, mencionada por F, G, H e N, ao dizerem “*Isto faz-me sentir gratificante, é gratificante para mim ajudá-los*” e “*Olha ser intérprete dos meus pais é muito importante para mim*”.

Sobre as estratégias adotadas para uma relação positiva com os pais, os entrevistados referem não adotar uma estratégia particular. É mencionado o uso de palavras simples e gestos próprios (entrevistado A) e a confiança, tempo e paciência são também apontados como importantes para uma relação positiva. Um dos entrevistados salienta que a paciência é algo que se adquire com a idade e que na adolescência há “uma certa revolta” (entrevistado B). Outros entrevistados indicam a necessidade de prestar atenção e fazer um esforço para tentar perceber os pais,

salientando também a importância da colaboração e compreensão na relação entre pais e filhos. As categorias que se encontraram através da análise de conteúdo do subtema *estratégia para uma relação positiva com os pais* foram três (Quadro 8 – Estratégias adotadas para uma relação positiva com os pais cf. Apêndice 11): compreensão/ paciência, mencionada por C, F, G, H, I, J, M e B, como se verifica em “*de tempo, porque é preciso muito tempo e muita paciência*” e “*Acho que o mais importante é mesmo compreendê-los e ouvi-los*”; não ter vergonha de quem se é e dos pais, mencionada por I, G, K e N e E, onde afirmam “*Aqui é mais não ligar ao que os outros dizem por não termos pais ouvintes e é mais não nos castrarmos a nós próprios sobre isso. (...) ter orgulho em ser*” e “*Teve tudo a ver com aquilo que vi com o meu irmão. Ele ensinou-me a ver a deficiência que os meus pais têm como uma oportunidade, a ganhar gosto e orgulho em saber língua gestual e a não ter vergonha em ter pais que são surdos*”; os filhos não serem intérpretes durante a sua infância, mencionada por E, dizendo que “*Aos pais surdos de filhos ouvintes eu aconselhava não usarem tanto o filho ouvinte como intérprete, (...) Eu sei que não há intérprete nos serviços e o mais fácil é levar os filhos, eu percebo isso tudo, mas tentem evitar isso. O filho sendo criança precisa de viver o que as crianças daquela idade vivem, de brincar. Porque apesar de parecer uma atividade inofensiva, interpretar, na verdade passa muitas responsabilidades e preocupações para o filho.*”.

Os CODA integram e convivem com a comunidade surda, tendo-se questionado os participantes sobre o seu impacto na **vida social**. Para a generalidade dos entrevistados o impacto é positivo e afirmam que tudo decorreu de forma muito natural. Verifica-se também que alguns estão integrados na comunidade surda, sendo que noutros casos apenas contactam com os pais, mas é referido que na infância lidavam e brincavam com os filhos dos amigos dos pais. Tal como na área familiar, também na análise da área social a análise de conteúdo evidenciou cinco subtemas, onde cada um contempla diversas e diferentes categorias. No subtema *Impacto na vida social* encontram-se duas categorias (Quadro 9 cf. Apêndice 12): sem impacto na vida social, mencionada por A, F, H, K, N e J, afirmando que “*com os meus amigos não muda nada porque muitos não sabem que eles são surdos*”; participação e gosto na comunidade surda, mencionada por C, D, E, G, J, K, B, I, L e H, afirmando “*é muito, é uma riqueza que só quem está lá sente*” e “*isso torna-me mais rica*”.

Sobre as vantagens e desvantagens de ser filho de pais surdos numa sociedade maioritariamente ouvinte, constata-se que há quem não veja muitas vantagens, pelo facto de ficarem com a responsabilidade de tratar de assuntos mais sérios e de ouvir os comentários que tecem sobre os pais, bem como lidar com atitudes discriminatórias. Um dos entrevistados refere que gostava que os pais ouvissem a sua voz e que tivessem a experiência de ouvir música (entrevistado D) e outro sublinha a falta de preparação da sociedade, nomeadamente dos serviços públicos para lidar com a comunidade surda (entrevistado G). É também referido como desvantagem não conseguir chamar os pais, porque eles não ouvem e não conseguem falar ao telemóvel, tendo que ser por mensagem ou vídeo chamada. Referem que sendo surdos, não ouvem o telemóvel tocar, assim como a campainha. Entretanto, são apontadas vantagens como aprender a língua gestual, conhecer duas línguas, ter uma perspetiva diferente, um conhecimento psicológico mais profundo sobre o outro, crescer mais rápido e tornar a relação entre pais e filhos mais próxima. É ainda referida a vantagem de poderem comunicar fisicamente longe um do outro e comunicarem com ambas as comunidades: a surda e a ouvinte.

No subtema *vantagens e desvantagens dos CODA*, criaram-se as categorias (Quadro 10 cf. Apêndice 13) referentes às vantagens e categorias referentes às desvantagens. Relativamente às vantagens, a análise de conteúdo evidenciou quatro categorias: orgulho em saber LGP, mencionada por B, C, E, G e N, *“e as pessoas depois também aprendem connosco (...) para mim é um orgulho poder ensinar”*, *“é saber a língua gestual”* e *“uma grande vantagem é que tu sabes uma língua que é maravilhosa, sabes falar com eles”*; amadurecimento precoce/ responsabilidade, mencionada por F, E, K, N e C, como se verifica *“a diversidade de situações que aprendi a lidar melhor”* e *“vantagens, é ser responsável”*; maior proximidade com os pais, mencionada por J, L e D, como se verifica *“se eles não tivessem esta deficiência eu não estava tão chegada a eles”*, *“são mais próxima dos meus pais por eles serem assim do que se eles ouvissem”*; poder fazer barulho, mencionada por F, M e E, quando afirmam *“ouvir musica ou falar ao telemóvel numa hora que já estão a dormir não há problema”* e *“quando chego a casa a noite e eles não ouvem”*.

Face as desvantagens de ser CODA, criamos três categorias: maior responsabilidade mencionada por A, C, G, J e M, afirmando *“tenho que ser eu a guiar-me sozinha”, “tenho que ser muito interprete deles”* e *“é que a nossa sociedade não está preparada para a comunidade surda”*; discriminação, mencionada por B, E, I, J e L, ao afirmarem *“ouvir das outras pessoas coisas muito negativas e muita discriminação”* e *“as pessoas que possam ser xenófobas e critiquem e achem que isto pode ser uma coisa”*; não poder usar/ ouvir a voz, mencionada por E, L, M, N e K, como se verifica *“como eles não ouvem eles têm que estar atentos ao telemóvel e as vezes não estão e isso impossibilita que eles atendam logo as vídeos chamadas”* *“eu gostava que eles ouvissem a minha voz”* e *“é a comunicação quando se está longe”*.

No que diz respeito a possíveis constrangimentos sentidos nas interações sociais devido ao facto dos pais serem surdos, o discurso dos entrevistados permite encontrar alguns. O entrevistado A, que começa por dizer que nunca sentiu um constrangimento, mas depois acaba por mencionar a frustração dos pais, quando alguém não os percebe, ser direccionada para si. Constata-se também que os pais não se conseguem exprimir e não deixarem que os filhos ajudem é também referido como um constrangimento, assim como as pessoas ficarem paradas a olhar enquanto falam através da LGP ou gozarem por estarem a falar por LGP ou pelos pais serem surdos. Alguns entrevistados referem que quando eram mais novos sentiram vergonha dos pais serem surdos e de falar a LGP em público, aspeto que muda com o passar da idade. Quando se tornaram mais adultos demonstram vergonha e tristeza por dizerem que tinham vergonha dos pais, pois hoje tudo é normal para eles e reconhecem que estavam errados. Existem também entrevistados que referem que nunca sentiram nenhum constrangimento. Dos discursos dos entrevistados referentes ao subtema *constrangimentos nas interações sociais*, encontraram-se duas categorias de análise (Quadro 11 cf. Apêndice 14): percepção da diferença/ sentir vergonha, mencionada por B, H, C, D, J, E, I, K e N, ao referirem que *“quando eu era pequena tinha vergonha de dizer que eram surdos, de comunicar em língua gestual em frente a outras pessoas”* e *“quando eu era pequenina não gostava porque toda a gente pára e olha”*; nenhum constrangimento, mencionada por A, F, G, M e L, que afirmam *“eu nunca senti constrangimentos porque como para mim é tão normal, eu tendo a fazer com que*

*as outras pessoas o vejam como normal” e “acho que as pessoas até nos integram mais por isso”.*

Também se procurou aferir se algum dos entrevistados já se tinha sentido discriminado pelo facto dos pais serem surdos. São poucos, apenas três, os entrevistados que referem que já se sentiram discriminados e que tal aconteceu na infância e na adolescência, quando iam às reuniões com os pais e sentir os olhares dos outros pais ou quando os colegas gozavam. A restante maioria salienta que nunca se sentiu discriminada e alguns apontam a atitude descontraída e positiva dos pais como um fator positivo.

No subtema *discriminação*, a análise de conteúdo evidenciou três categorias (Quadro 12 cf. Apêndice 15): não sentiu discriminação, mencionada por A, B, C, D, F, H, J, K, L, M e N, que referem *“não nunca me senti discriminada porque nunca me viram como a filha de pais surdos”* e *“acho que não, também pela atitude dos meus pais”*; sentir curiosidade por parte dos outros, mencionada por K e C, mencionando que *“até despertava curiosidade entre eles”*; discriminação em relação aos seus pais, mencionada por D, F e E, quando contam que *“é assim, discriminada não! Eles sim (...) mas eu não”* e *“sinto-me discriminada quando discriminam os meus pais”*;

Quanto à sua opinião sobre o que falta na sociedade para esta mudar a sua atitude para com os indivíduos surdos, os CODA que participaram no estudo destacam a necessidade do ensino da LGP e da promoção da inclusão social dos surdos. Além disso, apontam a falta de sensibilidade, aceitação e abertura da sociedade, nomeadamente das empresas e dos serviços públicos (saúde, finanças). A falta de informação das pessoas e a falta intérpretes nos serviços de saúde e outros serviços públicos, como na televisão por exemplo, principalmente em programas de interesse público. Quanto ao subtema *aspectos que faltam na sociedade* encontram-se quatro categorias de análise nos discursos dos participantes (Quadro 13 cf. Apêndice 16): ensinar a LGP, mencionada por A, E e N, sugerindo que *“acho que falta ensinar às pessoas a língua gestual”* e *“desde cedo aprenderem língua gestual”*; haver mais intérpretes/ maior sensibilidade nos serviços públicos, mencionada por A, H, I, C, F, M, B, K, J e L, onde sugerem que *“têm intérpretes e elas têm um papel muito importante (...) e isso devia haver em todas as escolas”* *“em cada estabelecimento público devia haver*

*uma intérprete, isso é uma barreira*"; maior abertura/ aceitação da sociedade, mencionada por B, C, E, H, K, L, M, N, F e G, como se verifica em *"muita sensibilidade e aceitação, porque por vezes a área da medicina é a pior (...) ainda falta muita abertura por parte da sociedade e das empresas"* e *"paciência e vontade de fazer as coisas"*; falta de informação e conhecimento sobre a surdez, mencionada por D e I, quando dizem *"falta mais informação, obrigar as pessoas a conhecer tudo aquilo que ainda é desconhecido"*;

No âmbito da **área educativa** procurou-se perceber qual a primeira língua dos participantes do estudo e de que forma é que esta influenciou a sua educação e aprendizagem. Vários entrevistados afirmam que a sua primeira língua é o português oral (entrevistados A, C, H, J, M e N), outros apontam a LGP (entrevistados B, E, K, L e G) e há ainda alguns que referem que são as duas ou não sabem qual a língua que adquiriram primeiro.

Sobre o impacto que a primeira língua teve na educação e aprendizagem, o entrevistado B salienta que começou a oralizar numa idade mais tardia e tem algumas dificuldades e I aponta a dificuldade em aprender línguas novas, nomeadamente, verbos. O entrevistado M considera o português importante para aprender a LGP, já L considera que se devia aprender primeiro a LGP e depois o português oral. Alguns dos participantes referem que interagem muito com outros familiares, como avós, tios e padrinhos, e isso influenciou o desenvolvimento da fala, outros salientam que a LGP não acrescentou nada em termos educativos.

Nesta questão, a análise de conteúdo evidenciaram-se cinco categorias (Quadro 14 cf. Apêndice 17): português oral como primeira língua, mencionada por A, C, J, M e H, quando afirmam que *"o português oral (...) a língua gestual veio mais tarde"*, *"é o português oral (...) depois fui aprendendo com os meus pais"* e *"eu acho que deve ter sido primeiro o português oral"*; LGP como primeira língua, mencionada por B, D, E, G, K e L, quando afirmam que *"a minha primeira língua foi a língua gestual"* e *"é a língua gestual sem dúvida!"*; começar a oralizar tardiamente, mencionada uma vez por B e G, quando contam que *"comecei a falar mais tarde, porque diziam que eu era surda (...) depois tiveram que pôr-me numa terapeuta ou professora especial"* e *"comecei a falar oralmente mais tarde um bocadinho"*; não teve influência a nível educativo, mencionada por D, K,

e N, referindo que *“acho que não teve influência nenhuma”* e *“não me deu cinco, não me deu nada (...) é a coisa mais normal do mundo por isso acho que nunca se interligaram com a minha educação”*; bilinguismo, mencionada por F, I e N, quando esclarecem que aprenderam *“as duas ao mesmo tempo”* e *“porque nós somos bilingues”*;

Sobre a influência que o facto de ter pais surdos teve no seu percurso educativo, o discurso dos entrevistados permite realçar diversos aspetos e o primeiro é que, dos que afirmaram que influenciou, denota-se uma influência positiva (apenas o entrevistado D salienta que ser CODA não teve nenhuma influência no seu percurso escolar). Vários entrevistados salientam que ser CODA implicou ser autónomo, desenrascado e assumir responsabilidades mais cedo, contudo, demonstram que isso os preparou para a vida escolar, mas essencialmente para a vida (entrevistados A, C, E, K, L e N). Um aspeto que também é bastante mencionado é o facto de na escola não terem contado com a ajuda dos pais nos trabalhos de casa (entrevistados C e F), não por estes não quererem ajudar, mas por não conseguirem, uma vez que em alguns casos os pais não sabiam ler, e não estarem presentes na vida escolar, particularmente nas reuniões de pais (entrevistados E e I). No entanto, constata-se que este facto não exerceu uma influência negativa, pois nenhum refere ter sido mal-sucedido na escola, simplesmente eram exigidos outros esforços e outras soluções como ter o apoio de familiares (irmãos, avós, tios, padrinhos), amigos e vizinhos.

Para um dos entrevistados a autonomia que lhe foi exigida contribuiu para a melhoria do desenvolvimento do processo de comunicação e para perceber que é necessário esforço e lutar para se conseguir o que quer (entrevistado A) e outro salienta que ser CODA o tornou uma pessoa mais atenta e concentrada (entrevistado G). Ser CODA e constatar a falta de intérpretes nos serviços públicos influenciou a escolha do curso e da profissão de dois entrevistados: B, que é intérprete e H pretende ser. Por fim, os entrevistados E e K referem ainda que ser filho de pais surdos contribuiu para que ambos tivessem uma relação de confiança.

Através da análise de conteúdo identificaram-se duas categorias no subtema *influência de ser CODA no percurso educativo* (Quadro 15 cf. Apêndice 18): responsabilidade e autonomia, mencionada por A, E, K, L, N e C, remetendo para *“tive que me desenrascar muito sozinha e foi ótimo!”* e *“a maior influência que teve, foi no*

*sentido de me dar autonomia”*; não teve nenhuma influência, mencionada uma vez por D, H, I, J, K e L, quando dizem *“nunca tive problema, sei que é um problema para alguém, eu nunca tive”* e *“era da personalidade deles deixarem-me à vontade e era da minha personalidade ser uma pessoa dedicada à escola”*;

Face ao acompanhamento dos seus pais durante o seu percurso escolar e se foram eles que acompanharam os filhos ao longo desse processo, constata-se que mais de metade dos entrevistados referem que os pais estiveram presentes e acompanharam o seu percurso escolar (entrevistados D, F, G, J, L, M e N). Em alguns dos casos os pais iam acompanhados por familiares às reuniões da escola (D, J e N), noutros era o próprio participante que fazia de intérprete (F). Os entrevistados A, B e C salientam que os pais acompanharam o seu percurso escolar, mas apenas até uma certa idade, porque depois tornaram-se mais autónomos e havia confiança na relação (entrevistado A e B). No caso de L, o entrevistado salienta que nas reuniões de pais participavam os pais e os próprios alunos e tanto os outros pais, como os professores faziam um esforço para perceber os seus pais. Outros quatro entrevistados (E, H, K e I) mencionam que os pais não acompanharam o seu percurso escolar, tendo sido familiares como a avó (entrevistado E), a irmã (entrevistado I), a assumir esse papel.

Relativamente ao subtema *acompanhamento dos pais durante o percurso escolar*, a análise efetuada destacou quatro categoriais (Quadro 16 cf. Apêndice 19): acompanhamento durante o ensino primário, mencionada por A e B, quando referem *“na primária acompanharam-me sempre”* e *“até certa idade foram eles”*; incentivo dos pais, mencionada por A, B, I, J, K e N, contando que *“sempre quiseram saber, sempre me perguntaram”* e *“sempre me incentivaram na escola e que não podia desistir daquilo”*; os pais sempre acompanharam, mencionada por F, G, J, K, L, M, N e C, onde afirmam que *“sim sim foram (...) eu ia com eles às reuniões e fazia de intérprete”* e *“eu ia sempre às reuniões e traduzia o que a professora estava a dizer e pronto”*; acompanhamento feito por familiares, mencionada uma vez por D, E, H e I, explicando que *“foram os meus avós (...) os meus pais só assinavam”* e *“foi a minha irmã (...) mas sempre fizeram o papel de pais no sentido de dizerem que tens que fazer os trabalhos de casa, tens que estudar”*;

Acerca dos aspetos que consideram necessários modificar para que os alunos com pais surdos sintam o apoio dos pais durante o seu percurso escolar e tudo o que este envolve, constata-se que muitos dos entrevistados referem a necessidade de haver pelo menos um intérprete de LGP em todas as escolas, o que melhoraria a comunicação entre os pais e os professores, incentivaria a ida deles à escola e às reuniões e o acompanhamento do percurso escolar dos seus filhos e por sua vez, os filhos sentiriam maior apoio e menos responsabilidades (entrevistados A, D, E, F, K e L). Outros entrevistados salientam também que os professores deveriam ter uma formação básica em LGP, ter conhecimento de que os pais são surdos e fazer um esforço para conseguirem comunicar, por exemplo através de mensagem ou de email, para que os pais possam acompanhar o percurso dos filhos (entrevistados A, D, M e N). A análise do discurso dos entrevistados revela ainda que é importante, os pais se preocuparem com a educação dos seus filhos e serem exigentes com eles, serem ativos e não importa se são surdos ou não, pois são pais como os outros todos (entrevistados B, I, J, K, L e M), mas também é importante os filhos compreenderem os pais (entrevistado J).

Como resultado da análise de conteúdo, criaram-se cinco categorias no âmbito do subtema *aspetos a modificar para maior apoio dos alunos CODA (Quadro 17 cf. Apêndice 20)*: esforço dos professores para conseguirem comunicar com os pais, mencionada por A, C e G, quando referem *“desde cedo os professores têm que saber que os pais são surdos”, “têm que arranjar formas de comunicar com os pais (...) por mensagem, e-mail”*; intérprete nas escolas, mencionada por A, D, E, F, L e K, quando sugerem que *“a escola proporcionar intérprete de LGP”* e *“deviam ter uma intérprete, reuniões”*; papel de pais sem diferenças em relação aos outros, mencionada por I, J, B e M, que afirmam *“fazer o papel de pais (...) levar o filho à escola, insistir pra fazer os trabalhos de casa”* e *“os pais é que devem mostrar interesse em apoiar”*; professores terem um conhecimento básico da LGP, mencionada uma vez por D, M e N, sugerindo que *“bastava os professores terem conhecimentos básicos para comunicar”*; realização de reuniões individuais com todos os pais, não apenas os surdos, mencionada por G, que sugere *“a reunião individual não faz mal nenhum. Não é discriminar (...) o pai e a mãe vão sentir que a escola está preocupada (...) vai-me explicar da melhor maneira o que se passa”*;

Relativamente aos desafios que, enquanto alunos com pais surdos, possam ter enfrentado ao longo do seu percurso escolar, vários entrevistados referem que não tiveram nenhum desafio e que foi tudo "normal" e "natural", mesmo com os amigos da escola (entrevistados D, H, J, K, L e M e N). Contudo, outros entrevistados apontam alguns desafios como: assumir o papel de intérprete (entrevistados A, E e G); sentir que tinha de ser mais autónomo, responsável e crescer mais rápido (entrevistados B e F); ter que explicar o que aprendia na escola, pois havia coisas que os pais não percebiam e não ter ninguém para o ajudar, bem como não ser levado a sério quando fazia de intérprete dos pais (entrevistado C).

No subtema *desafos enfrentados*, a análise realizada realçou três categorias de análise, sendo elas (Quadro 18 cf. Apêndice 21): responsabilidade e autonomia, mencionada por L, F, G e B, quando dizem “*ter de me esforçar mais, por mim própria*” e “*fazer as coisas por mim, porque eu sabia que tinha que fazer aquilo direito*”; sentir falta de acompanhamento nos trabalhos de casa, mencionada por B e C, contando que “*não podia perguntar-lhes porque eles não sabiam*” e “*o facto de não ter ninguém para me ajudar*”; normalidade, mencionada por J, N, K e L, como se verifica em “*foi um percurso muito normal*” e “*nunca tive desafio nenhum*”.

#### 4.3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A generalidade dos entrevistados utiliza os termos e expressões "normal", "natural", "especial" e "estou habituado a isso" para descrever o que é ser CODA. De facto, a família é o primeiro e o mais importante espaço de realização, desenvolvimento e consolidação da personalidade humana, sendo no seu seio que o indivíduo se afirma enquanto pessoa, e é ela o seu *habitat* natural de convivência solidária (Pereira, 2008). Logo, ao ter nascido numa família com pais surdos e sendo esta a sua realidade, para eles é algo natural, os participantes revelam que ser CODA é como ser filho de pais ouvintes, os seus pais apenas não ouvem e comunicam de outra forma. Percebe-se que tal como sublinha Figueiredo (2010), é na família que a

criança encontra o primeiro espaço de convívio com os outros e através dela que esta começa a sociabilizar-se e a integrar-se na comunidade e muitos dos entrevistados conviveram bastante com a comunidade surda durante a infância e a adolescência e alguns ainda convivem e consideram-na a sua comunidade. Todos os participantes demonstram orgulho nos seus pais, referindo que é um mundo diferente e que tiveram que "amadurecer" e assumir responsabilidades mais cedo e por vezes, desempenhar o papel de intérpretes. Segundo Sousa (2012a) filhos de pais surdos, ao contactarem com duas línguas, desenvolvem o sentimento de pertença ao grupo família e à própria sociedade, sendo educados para alcançar a sua autonomia e independência e desenvolver competências para viver entre dois mundos.

Quanto ao papel desempenhado no contexto familiar alargado, isto é, em festas e convívios familiares, os entrevistados apontam a necessidade de incluir os pais, ajudá-los através do seu papel de "intérpretes", "tradutores" e "mediadores". Na verdade, estas crianças podem ser fluentes em língua gestual, tal como os pais, mas também podem ser fluentes na língua oral, adquirindo-a através do contacto e interação com familiares ouvintes ou pelos meios de comunicação social (Fernández-Viader, 2004) e por isso, em diversas situações são os CODA que auxiliam os pais em termos de comunicação com família e com a sociedade, como se verifica neste estudo.

Diversos entrevistados demonstram prazer e gosto em ser intérpretes dos pais, verificando-se que não influencia a relação, mas salientam que nem sempre tudo é fácil. E Sousa (2012a, p. 415) realça isso mesmo ao referir que "as crianças quando envolvidas com pais que usam uma língua e paralelamente uma cultura diferente da maioria da sociedade, vêem-se muitas vezes confrontados com situações atípicas". Estes entrevistados não entendem ser intérprete como uma obrigação mas como um dever e reconhecem a sua importância enquanto intérpretes, pois são conhecedores da realidade dos surdos e das suas dificuldades no quotidiano. Esta ideia é reforçada por Quadros e Massutti (2007), que afirmam que o CODA, por conviver entre dois mundos e duas, frequentemente assume o papel de intérprete na medida em que "para as famílias surdas, os CODA são vistos como possíveis 'pontes' entre os mundos surdo e ouvinte" (p. 261). Ser intérprete parece não ter tido grande influência na vida

dos participantes, assumem-se até como responsáveis dos pais e um dos deles salienta mesmo que o faz sentir-se útil, gratificante e que melhorou a relação e os tornou mais próximos.

No âmbito do seu desenvolvimento social, a generalidade dos entrevistados salientou que ser CODA teve um impacto é positivo e afirmam que tudo decorreu de forma muito natural. O mesmo é salientado por Almeida (2011, p. 14), uma CODA que afirma que "ser filha de pais surdos permitiu que tivesse a oportunidade de crescer num (...) mundo que muito tinha de maravilhoso e surpreendente, características que só mais tarde pude apreciar pois em criança para mim tudo era natural". Verifica-se também que alguns dos participantes estão integrados na comunidade surda, sendo que noutros casos apenas contactam com os pais, mas é referido que na infância lidavam e brincavam com os filhos dos amigos dos pais. A literatura revela que a maioria dos surdos teve contacto com a língua gestual e utilizam-na em associações e outro tipo de instituições e nestes espaços, frequentemente, os CODA são inseridos nestas comunidades através dos pais, convivendo e crescendo com crianças e adultos surdos, exercitando a sua língua e cultura (Quadros & Massutti, 2007).

Constatou-se também que para os participantes do estudo, o facto de ficarem com a responsabilidade de tratar de assuntos mais sérios e de ouvir os comentários que tecem sobre os pais, bem como lidar com atitudes discriminatórias são desvantagens. Recorde-se que "a linguagem oral tem uma função prática imprescindível na vida humana e social. É uma habilidade construída socialmente" (Chaer & Guimarães, 2012, p. 74) e são os filhos que vão tratar de assuntos pessoais e profissionais dos pais, porque estes não conseguem comunicar com os outros, não existem intérpretes nos serviços públicos.

Entre as vantagens referidas pelos CODA deste estudo, é referida a aprendizagem da língua gestual e o conhecimento de duas línguas e duas comunidades, pois de facto os CODA crescem num ambiente bilingue e bicultural (Sousa, 2012a). Além disso, outras vantagens em ser CODA foram identificadas: ter uma perspetiva diferente e um conhecimento psicológico mais profundo sobre o outro, crescer mais rápido e tornar a relação entre pais e filhos mais próxima. A este respeito, Streiechen

e Krause-Lemke (2013) revelam que apesar de ouvirem e falarem a língua oral, muitos CODA assumem a língua gestual como a sua língua materna e deste modo, apresentam características muito particulares, uma vez que são um ouvinte diferente dos outros, pois apresentam uma identidade “surda” e por outro lado, são também diferentes dos surdos, pois têm experiências auditivas.

Apenas três entrevistados referem que já foram alvo de discriminação e que tal aconteceu na infância e/ou na adolescência, quando iam às reuniões com os pais e sentir os olhares dos outros pais ou quando os colegas gozavam. Fernández-Viader (2004) chama à atenção para o facto de que por vezes, os CODA são confrontados com atitudes preconceituosas e discriminatórias que, pelos seus pais serem surdos, são portadores de uma deficiência ou são incapazes de desempenharem o seu papel de pais.

Vários entrevistados afirmam que a sua primeira língua é o português oral, mas outros apontam a LGP e é natural a língua gestual ser a primeira modalidade linguística que a criança tem como referência (Quadros & Karnopp, 2009). Há ainda alguns entrevistados que referem que são as duas línguas ou não sabem qual a língua que adquiriram primeiro e estes resultados não são surpreendentes, uma vez que já Sousa (2012a) tinha feito referência ao facto dos CODA adquirirem a língua oral e a língua gestual como primeira língua. Sobre o impacto que a primeira língua teve na educação e aprendizagem, alguns entrevistados que adquiriram primeiro a LGP referem que começaram a oralizar mais tarde e são também mencionadas algumas dificuldades ao nível da aprendizagem de novas línguas. Um dos entrevistados refere que na escola tinha uma atenção redobrada e uma evolução mais rápida, e que se devia ao facto de conhecer duas línguas. Tal como Bezerra e Mateus (2017, p. 455) salientam que a criança “adquire um modelo de espaço visual muito mais aguçado, buscando detalhes pequenos em todos os objetos e, com isso, adquire características dos surdos no seu desenvolvimento psicossocial e perceptivo”.

Sobre a influência que o facto de ter pais surdos teve no seu percurso educativo, o discurso dos entrevistados permite realçar uma influência positiva e mais de metade dos entrevistados referem que os pais estiveram presentes e acompanharam o seu percurso escolar, em alguns dos casos os pais iam acompanhados por familiares às

reuniões da escola. Acerca dos aspetos que consideram necessários modificar para que os alunos com pais surdos sintam o apoio dos pais durante o seu percurso escolar e tudo o que este envolve, constata-se que muitos dos entrevistados referem a necessidade de haver pelo menos um intérprete de LGP nas escolas, o que melhoraria a comunicação entre os pais e os professores, incentivaria a ida deles à escola e às reuniões e o acompanhamento do percurso escolar dos seus filhos e por sua vez, os filhos sentiriam maior apoio e menos responsabilidades. E de acordo com Quadros e Massutti (2007) a perspetiva bilíngue de um CODA numa escola de ouvintes não pode ser negligenciada. Outros entrevistados salientam também que os professores deveriam ter uma formação básica em LGP, ter conhecimento de que os pais são surdos e fazer um esforço para conseguirem comunicar. Os professores são figuras muito importantes no percurso escolar dos alunos e são uma fonte fonte de segurança e de apoio emocional para os filhos e para os pais (O'Connor & McCartney, 2006). E o que se constata é que quando há “falta de conhecimento da instituição, essa criança acaba sendo negligenciada, em vez de a escola valorizar essa situação para trabalhar com e pela diversidade” (Bezerra & Mateus, 2017, p. 455).

## 5. CONCLUSÃO

Considerando o objetivo deste estudo - explorar a perspectiva de filhos ouvintes de pais surdos relativamente ao seu desenvolvimento social, familiar e educativo - e depois de analisados e discutidos os resultados obtidos, é possível aferir as principais conclusões do estudo.

No que concerne ao seu desenvolvimento familiar, é possível concluir que os participantes têm orgulho nos pais e nas suas origens e apesar das responsabilidades assumidas precocemente, bem como da autonomia desenvolvida mais cedo, e de serem intérpretes dos pais, eles não o entendem como um fardo, nem como uma obrigação, mas antes como um dever. Em termos relacionais, salientam a proximidade, a amizade e cumplicidade na relação, assumindo o papel de intérpretes no contexto familiar alargado. Sobre as estratégias adotadas para uma melhor relação com os pais não é apontada uma estratégia específica, mas foi realçada a importância da confiança, paciência, compreensão e colaboração na relação. Tal como na literatura que versa sobre o tema, também estes resultados evidenciam a importância da família no desenvolvimento do indivíduo e a influência que esta exerce sobre a criança.

A nível social, conclui-se também que integrar e conviver com a comunidade surda teve um impacto positivo na vida dos entrevistados, sendo identificadas diversas vantagens de ser CODA numa sociedade maioritariamente ouvinte: aprender a língua gestual; conhecer duas línguas; ter uma perspectiva diferente e um conhecimento psicológico mais profundo sobre o outro; crescer mais rápido; e tornar a relação entre pais e filhos mais próxima. De facto, conforme também é exposto por alguns autores referidos no capítulo anterior, os CODA, ao terem contato com duas línguas, desenvolvem o sentimento de pertença ao grupo família e à sociedade em que estão inseridos e são educados para alcançar a sua autonomia e independência e desenvolver competências para viver entre dois mundos (Sousa, 2012a). Contudo, são apontadas como desvantagens: ficar com a responsabilidade de tratar de

assuntos mais sérios; ouvir os comentários que tecem sobre os pais; lidar com atitudes discriminatórias; e não poder comunicar através do telefone (ou telemóvel). Sobre os constrangimentos sentidos nas interações sociais devido ao facto dos pais serem surdos, os resultados demonstraram que os participantes tiveram que lidar com a frustração dos pais quando alguém não os percebe, sentiram-se observados na via pública, foram ridicularizados por estarem a falar em LGP ou por terem pais surdos, o que em alguns casos provocou o sentimento de vergonha dos pais durante a infância. A própria teoria refere que é frequente os CODA, por conviverem em duas realidades distintas, se confrontarem com situações atípicas (Sousa, 2012a). Poucos foram os indivíduos que se sentiram discriminados por terem pais surdos e os que passaram por essa experiência afirmam que ocorreu durante a infância ou a adolescência. Na perspetiva destes CODA, é necessário ensinar a LGP e promover a inclusão social dos surdos, pois falta sensibilidade, aceitação e abertura por parte da sociedade, principalmente das empresas e dos serviços públicos (saúde, finanças), estes últimos devem dispor de intérpretes.

No respeitante à área educativa, a opinião dos indivíduos permite realçar três opiniões opostas quanto à sua primeira língua: por um lado, alguns participantes afirmam que a sua primeira língua é o português oral; outros apontam a LGP e há ainda outros que afirmam que são as duas ou não sabem qual a língua que adquiriram primeiro. Recorde-se Fernández-Viader (2004), que salienta que os CODA podem ser fluentes em língua gestual mas também na língua oral. Os resultados evidenciam ainda a influência positiva que os pais tiveram no seu percurso educativo, tornando-os mais autónomos, tendo acompanhado o percurso escolar dos filhos, em alguns casos, com o apoio de familiares. Os participantes reforçam a necessidade de se integrar intérpretes de LGP nas escolas e de formação básica dos professores em LGP. Na verdade, os professores são uma figura importante para os alunos e para os pais, transmitindo-lhes segurança e apoiando-os (O'Connor & McCartney, 2006) e por isso, é importante que tenham conhecimentos básicos de LGP. Os maiores desafios sentidos ao longo do percurso escolar, enquanto alunos com pais surdos, são a responsabilidade de serem intérpretes dos pais, a necessidade serem mais

autónomos e responsáveis, e a necessidade de quem os acompanhasse nos trabalhos da escola (trabalhos de casa, por exemplo).

Apesar das semelhanças nas suas vivências, as dificuldades sentidas, os obstáculos que tiveram que ser ultrapassados e a influência que o facto de terem pais surdos teve no seu desenvolvimento familiar, social e educativo variam de caso para caso. No entanto, numa perspetiva geral ser CODA teve um impacto positivo e os entrevistados referem-se à comunidade surda com muito carinho e demonstram gosto pela LGP.

Por fim, quanto às limitações do estudo pode apontar-se a dimensão da amostra, pelo que para futuras investigações sugere-se o recurso a uma amostra mais significativa. Para complementar o entendimento sobre a temática, sugere-se também a participação de pais surdos que possam dar a sua perspetiva acerca dos seus filhos e das dificuldades que estes sentem ao longo do seu desenvolvimento.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Edições Quarteto.
- Almeida, M. (2007). *A criança surda e o desenvolvimento da literária*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Departamento de Didática e Tecnologia Educativa da Universidade de Aveiro.
- Almeida, M. (2011). Ser Filha de Surdos: Uma Aventura, Um Privilégio. *Sudos Notícias*, 6, 14-16.
- Andrade, P. (2011). *Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- Aspesi, C., Dessen, M. & Chagas, J. (2005). A ciência do desenvolvimento humano: uma perspectiva interdisciplinar. In M. Dessen & A. Costa (Eds.), *A Ciência do desenvolvimento humano: tendências actuais e perspectivas futuras* (pp. 19-36). Porto Alegre: Artemed.
- Bacelar, R. (2002). *O lugar da avó*. Recife: Fundação Antônio dos Santos Arranches – FASA.
- Bagno, M. (2004). *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto.
- Baltazar, A. (2010). *Dicionário de Língua Gestual Portuguesa*. Porto: Porto Editora.
- Bezerra, G. & Mateus, J. (2017). Reflexões sobre a escolarização de um ensino ouvinte filho de pais surdos: uma discussão inicial sobre Cotas. *Ensino em Revista*, 24(02), 451-470.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação, uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Bullock, B. & Toribio, A. (2009). Trying to hit a moving target: on the sociophonetics of codeswitching. In L. Isurin, D. Winford & K. de Bot, K. (Eds.), *Multidisciplinary Approaches to Code Switching*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.

- Cagliari, L. (2007). *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione.
- Campos, M. (2012). *Um Estudo Fenomenológico da Experiência de Rapto Parental*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: ISPA.
- Chaer, M. & Guimarães, E. (2012). A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental. *Pergaminho*, 3, 71-88.
- Correia, I. (2010). Isso não soa bem: a consciência fonológica do lado de lá: reflexão em torno [de] exercícios de consciência fonológica no primeiro ciclo. Actas do I Encontro Internacional do Ensino da Língua Portuguesa (119-131).
- Dessen, M. & Polonia, A. (2007). A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Deus, M. (s/d). Surdez: Linguagem, Comunicação e Aprendizagem do Aluno com Surdez na Sala de Aula Comum. Retirado de <http://www.anapolis.go.gov.br/revistaanapolisdigital/wp-content/uploads/2013/05/Maria-de-Lourdes-Fonseca.pdf>.
- Dias, A. (2001). *Ensino da linguagem no Currículo*. Fortaleza: Brasil Tropical.
- Dias, M. (2011). Um Olhar sobre a Família na Perspetiva Sistémica. O Processo de Comunicação no Sistema Familiar. *Gestão e Desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Dias, R. (2014). Linguagem, interação e socialização: contribuições de Mead e Bakhtin. X ANPED SUL. Retirado de [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/539-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/539-0.pdf).
- Duarte, I. (2002). *Língua Portuguesa - Instrumentos de Análise*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Faria, V. (2009). *Oralidade na aula de línguas: desenho de materiais*. Dissertação de Mestrado. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Fernandes, E. (2003). *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artmed.
- Fernández-Viader, M. (2004). *El Valor de la Mirada: Sordera y Educación*. Barcelona: Publicacions i Edicions Universitat de Barcelona.
- Ferreira, H. (2002). A Língua Gestual: Uma Forma de Comunicação. Universidade de Coimbra. Retirado de <https://student.dei.uc.pt/~hmfer/cp/artigo.PDF>.

- Figueiredo, M. (2010). *A Relação Escola-Família no Pré-Escolar: Contributos para uma compreensão*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Fonseca, C. (2008). Como definir uma população de estudo e como seleccionar uma amostra? In Médicos de Medicina Geral e Familiar (Eds.), *Investigação Passo a Passo – Perguntas e Respostas Essenciais para a Investigação Clínica* (pp. 50-54). Lisboa: Núcleo de Investigação da APMCG.
- Fortin, M. (2003). *O Processo de Investigação – Da Concepção à Realização*. Loures: Lusociência.
- Gimeno, A. (2003). *A Família: O desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Goldfeld, M. (2002). *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeraccionista*. São Paulo: Plexus Editora.
- Gonçalves, V. (2015). *Aquisição da linguagem: diferença entre crianças ouvintes e crianças surdas*. Monografia. Brasília: Universidade de Brasília.
- Gubert, A. (2015). *Variação Morfossintática por Contato de Línguas – O Caso do “Castelhano de Portugal”*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Guimarães, L. (2003). Leitura e Comunicação. *Terra e Cultura*, 37, 56-64.
- Hedegard, M. (2002). A zona de desenvolvimento proximal como base para o ensino. In H. Daniels (Ed.), *Uma introdução a Vygotsky* (pp. 199-228). São Paulo: Loyola.
- Heyes, J. (2003). Considerações sobre bilinguismo e bilinguidade: revisão de uma questão. *Revista Palavra, Volume temático(11)*, 30-38.
- Jokinen, M. (2006). Os utilizadores de Língua Gestual e a Comunidade Surda. In M. Bispo, A. Couto, M. Clara & L. Clara (Eds.), *O Gesto e a Palavra I – Antologia de textos sobre a Surdez* (pp. 83-108). Lisboa: Editorial Caminho.
- Koch, I. (2007). *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- Lei Constitucional n.º 1/97 de 20 de setembro. Diário da República n.º 218/1997 – Série I-A. Assembleia da República.

- Mahoney, A. (2002). Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In V. Placco (Ed.), *Psicologia & Educação: Revendo contribuições* (pp. 9-32). São Paulo: Educ.
- Marcuschi, L. (2005). *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- Martins, T. (2011). *A Letra e o Gesto. Estruturas Linguísticas em Língua Gestual Portuguesa e a Língua Portuguesa*. Dissertação Mestrado. Lisboa: Universidade Lusófona.
- Mesquita, I. & Silva, S. (2007). *Guia Prático de Língua Gestual Portuguesa – Ouvir o silêncio*. Braga: Editora Nova Educação.
- Moura, M. (2000). *O surdo: caminhos para uma nova identidade*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Revinter.
- Munakata, Y. & McClelland, J. (2003). Connectionist models of development. *Development Science*, 6(4), 413-429.
- Mussen, P., Conger, J., Kagan, J., Huston, A., Rosa, M., et al. (2001). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Editora HARBRA.
- Negrelli, M. & Marcon, S. (2006). Família e Criança Surda. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 5(1), 98-107.
- Nobre, L. & Fávero, T. (2011). *Influência da linguagem oral na escrita*. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- O'Connor, E. & McCartney, K. (2006). Testing associations between young children's relationships with mothers and teachers. *Journal of Educational Psychology*, 98, 87-98.
- Oliveira, M. (2013). *Desenvolvimento da Linguagem no Jardim da Infância em Crianças com NEE: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Braga: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Católica Portuguesa; Centro Regional de Braga.
- Pereira, J. (2009). *Alfabetização de crianças caboverdianas em língua portuguesa como língua não materna. O Ensino da leitura. Estudo de caso com uma turma do*

- 1.º ano de escolaridade do Ensino Básico em Cabo Verde. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pereira, M. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Málaga: Universidade de Málaga.
- Picanço, A. (2012). *A Relação entre Escola e Família - As suas implicações no progresso de ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Preston, P. (1994). *Mother father deaf: living between sound and silence*. Cambridge: First Harvard University Press.
- Quadros, R. & Karnopp, L. (2009). *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed.
- Quadros, R., Lillo-Martin, D. & Emmorey, K. (2016). As línguas de bilíngues bimodais. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 11, 139-160.
- Quadros, R. & Massutti, M. (2007). CODAs brasileiros: Libras e Português em zonas de contato. In R. Quadros & G. Perlin (Eds.), *Estudos Surdos II* (pp. 238-268). Petrópolis: Arara Azul.
- Rego, T. (2003). *Memórias de escola: Cultura escolar e constituição de singularidades*. Petrópolis: Vozes.
- Rossi, T. (2000). Um Processo em Direção ao Bilinguismo. In Lacerda, C., Nakamura, H. & Lima, M. (Orgs.), *Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngue* (pp. 99-102). São Paulo: Plexus.
- Sacks, O. (1998). *Vendo Vozes – Uma Viagem ao Mundo dos Surdos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Santana, A. (2007). *Surdez e linguagem: aspetos e implicações neurolinguísticas*. São Paulo: Plexus Editora.
- Santos, B. (2013). *LerniLGP. Aplicação de Língua Gestual Portuguesa para Dispositivos Móveis*. Dissertação de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

- Sifuentes, T., Dessen, M. & Oliveira, M. (2007). Desenvolvimento Humano: Desafios para a Compreensão das Trajetórias Probabilísticas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 379-386.
- Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sousa, A. & Quadros, R. (2012). Uma análise do fenómeno “alternância de línguas” na fala de bilíngues intermodais (Libras e Português). *ReVEL*, 10 (19).
- Sousa, J. (2012a). Crescer bilingue: As crianças ouvintes filhas de pais surdos. *EXEDRA, Revista Científica ESEC, Número Temático*, 404-413.
- Sousa, A. (2012b). *Interpretação da Língua Gestual Portuguesa*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Soares, S. (2008). *Bilinguismo e Letramento: Análise da Interação entre Duas Línguas*. Dissertação de Mestrado. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul.
- Souza, J. (2014). *Intérpretes CODAS: Construção de Identidades*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Spinassé, K. (2006). Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. *Revista Contingentia*, 1, 01-10.
- Streichchen, E. & Krause-Lemke, C. (2013). A Aquisição da LIBRAS por Crianças Ouvintes Filhas de Mãe Surda num Contexto Multilíngue. Seminário de Pesquisa do PPE, Universidade Estadual de Maringá (pp. 1-19).
- Vasconcelos, L., Naves, A. & Ávila, R. (2010). Abordagem Analítico-Comportamental do Desenvolvimento. In E. Tourinho & S. Luna (Eds.), *Análise do Comportamento: Investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 125-151). São Paulo: Roca.
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: Um Debate em Aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.
- Xavier, M. (2012). Saúde e Desenvolvimento nos primeiros tempos de vida – uma questão social? In C. Borrego, et al., (Eds.), *Uma Jornada por Jornadas* (pp. 89-96). Porto: Cofanor.

Zimmer, M., Finger, I. & Scherer, L. (2008). Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neolinguística. *Revista virtual de estudos da linguagem - ReVEL*, 6(11), 1-28. Retirado de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/96131/000723023.pdf?sequence=1>

## 7. APÊNDICES

## APÊNDICE 1 - CONSENTIMENTO INFORMADO

### Protocolo de consentimento informado

Aceito participar no presente estudo, da autoria de Marina Silva (estudante da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto) e orientado pela Doutora Susana Barbosa (docente na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto), no âmbito da dissertação de Mestrado em Educação Especial: Multideficiência e Problemas de Cognição.

Com este estudo pretendemos explorar a perspetiva de filhos ouvintes de pais surdos sobre o seu desenvolvimento social, familiar e educativo.

Li e compreendi os objetivos do estudo, sendo a minha participação voluntária, desde que seja garantida confidencialidade dos dados e o meu anonimato ao longo de todo o processo, de acordo com a Lei n.º 67/98 de 26 de outubro (Lei da Proteção de Dados Pessoais).

**Data:** \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**Assinatura do participante:** \_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

### Dados Gerais

1. Sexo

( ) Feminino

( ) Masculino

2. Idade \_\_\_\_\_

3. Residência

Concelho em que reside: \_\_\_\_\_

4. Estado Civil

( ) Solteiro (a)

( ) Casado (a)

( ) União de Facto

( ) Divorciado (a)

( ) Viúvo (a)

5. Habilitações académicas

( ) Básico incompleto

( ) Básico (até ao 9º ano)

( ) Ensino secundário

( ) Ensino Superior

Licenciatura \_\_\_\_\_ Pós graduação \_\_\_\_\_ Mestrado \_\_\_\_\_ Doutoramento \_\_\_\_\_

6. Profissão:

\_\_\_\_\_

7. Situação profissional atual:

( ) Estudante

( ) Empregado (a)

( ) Desempregado (a)

8. Nº de pessoas no agregado familiar \_\_\_\_\_

9. Tem irmãos

( ) Sim

( ) Não

Se respondeu sim, quantos: \_\_\_\_\_

Posição na fratria \_\_\_\_\_

Algum (a) é surdo:

( ) Sim

( ) Não

10. Atualmente vive com os pais:

( ) Sim

( ) Não

11. Domina a língua gestual portuguesa (LGP):

( ) Sim

( ) Não

12. Como comunica com os pais: ( ) LGP ( ) Oral ( ) Ambas

## APÊNDICE 3 - GUIÃO DA ENTREVISTA

### **Área familiar**

1. Como ouvinte o que é para si ser filho (a) de pais surdos, CODA?
2. Descreva-nos enquanto ouvinte, a sua relação com os seus pais?
3. Em contexto familiar, como por exemplo festas, reuniões familiares, qual o seu papel como membro da família com pais surdos?
4. De que forma é que ser 'intérprete' diariamente na vida dos seus pais o (a) faz sentir e em que medida influencia a vossa relação?
5. De acordo com as suas experiências como CODA, que estratégias adotou e que possa partilhar com outros filhos ouvintes com pais surdos para uma relação positiva com os seus pais?

### **Área social**

6. Qual o impacto de fazer parte da comunidade surda na sua vida social?
7. Quais as vantagens e as desvantagens de ser filho (a) de pais surdos numa sociedade maioritariamente ouvinte?
8. Em algum momento da sua vida sentiu constrangimentos nas suas interações sociais devido aos seus pais serem surdos? E de que forma as mesmas moldaram a sua vida?
9. Enquanto filho (a) ouvinte de pais surdos já se sentiu discriminado (a)? De que forma e em que situações?
10. O quê é que entende que falta para que a sociedade mude a atitude perante os indivíduos surdos?

### **Área educativa**

11. Qual a sua primeira língua e em que medida é que esta influenciou a sua educação/aprendizagem?

12. Descreva-nos que influencia teve o facto de ter pais surdos no seu desenvolvimento/ percurso educativo?
13. Como descreve o acompanhamento dos seus pais durante o seu percurso escolar? Foram eles que o acompanharam?
14. Na sua opinião, que aspetos são necessários modificar para que os alunos com pais surdos sintam o apoio dos pais durante o seu percurso escolar e tudo o que este envolve?
15. Enquanto aluno (a) com pais surdos, quais os desafios que enfrentou?

## APÊNDICE 4 - MAPA DE CODIFICAÇÃO ÁREA FAMILIAR

<b>Tema:</b> Área Familiar	
<b>Subtema:</b> Papel dos Filhos	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Igualdade/ normalidade	A, J, L, M. E, F, I, K, D
Diferença	B, G, E, H, J, L, C
Orgulho	B, G, E, N
Amadurecimento precoce/ Responsabilidade	D, L, J, C
Maior proximidade/ afectividade e advoga pelos pais	C, D
Revolta pela diferença	E, I, N

<b>Tema:</b> Área Familiar	
<b>Subtema:</b> Relação com os pais	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Dificuldades de comunicação	A, G
Maior proximidade/ afetividade com os pais	B, E, F, L, D, C
Mediador/ Facilitador	B, C, F
Amadurecimento precoce/ responsabilidade	C, H
Novas tecnologias como facilitador	C
Boa relação/ comunicação	E, N, L, M, H, K

<b>Tema:</b> Área Familiar	
<b>Subtema:</b> Papel como membro de família com pais surdos	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Necessidade/ responsabilidade de inclusão dos pais	B, G, F, I, H, J, K, A
Representante/ Intérprete	A, E, F, H, I, M, N, B, C
Necessidade de demonstrar as dificuldades dos pais	G(1)
Ser o apoio dos pais	H(1), J(1), K(1)

<b>Tema:</b> Área Familiar	
<b>Subtema:</b> Ser intérprete e influência na relação com os pais	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>

Dificuldades em ser intérprete	A, G, M, H
Necessidade de intérpretes nos serviços públicos	B
Proximidade/ responsabilidade	N, G, F, E
Normalidade	F, K, L
Satisfação	F, G, H, N

<b>Tema:</b> Área Familiar	
<b>Subtema:</b> Estratégia para uma relação positiva com os pais	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Compreensão/ paciência	C, F, G, H, I, J, M, B
Não ter vergonha de quem se é e dos pais	I, G, K, N, E
Os filhos não serem intérpretes durante a sua infância	E

## APÊNDICE 5 -MAPA DE CODIFICAÇÃO ÁREA SOCIAL

<b>Tema:</b> Área Social	
<b>Subtema:</b> Impacto na vida social	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Sem impacto na vida social	A, F, H, K, N, J
Participação e gosto na comunidade surda	C, D, E, G, J, K, B, I, L, H

<b>Tema:</b> Área Social	
<b>Subtema:</b> Vantagens e desvantagens dos CODA	
<b>Categoria Vantagens</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Orgulho em saber a LGP	B, C, E, G, N
Amadurecimento precoce/ responsabilidade	F, E, K, N, C
Maior proximidade com os pais	J, L, D
Poder fazer barulho	F, M, E
<b>Categoria Desvantagens</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Maior responsabilidade	A, L, G, J, M
Discriminação	B, E, I, J, L
Não poder usar/ ouvir a voz	E, L, M, N, K

<b>Tema:</b> Área Social	
<b>Subtema:</b> Constrangimentos nas interações sociais	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Perceção da diferença/ sentir vergonha	B, H, C, D, J, E, I, K, N
Nenhum constrangimento	A, F, G, M, L

<b>Tema:</b> Área Social	
<b>Subtema:</b> Discriminação	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Não sentiu discriminação	A, B, C, D, F
Sentir curiosidade por parte dos outros	C, K
Discriminação em relação aos seus pais	D, E, F

<b>Tema:</b> Área Social	
<b>Subtema:</b> Aspetos que faltam na sociedade	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Ensinar a LGP	A, E, N
Haver mais intérpretes/ maior sensibilidade nos serviços públicos	A, H, I, C, F, M, B, K, L, J
Maior abertura/ aceitação da sociedade	B, C, E, H, K, L, M, N, F, G
Falta de informação e conhecimento sobre a surdez	D, I

## APÊNDICE 6 -MAPA DE CODIFICAÇÃO ÁREA EDUCATIVA

<b>Tema:</b> Área Educativa	
<b>Subtema:</b> Primeira língua e influência na educação	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Português como primeira língua	A, C, J, M, H
LGP como primeira língua	B, D, E, G, K, L
Começar a oralizar tardiamente	B, G
Não teve influência a nível educativo	D, K, N
Bilinguismo	F, I, N

<b>Tema:</b> Área Educativa	
<b>Subtema:</b> Influência de ser CODA no percurso educativo	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Responsabilidade e autonomia	A,E, K, L, N,
Não teve nenhuma influência	D, H,I, J, K, L

<b>Tema:</b> Área Educativa	
<b>Subtema:</b> Acompanhamento dos pais durante o percurso escolar	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Acompanhamento durante o ensino primário	A, B
Incentivo dos pais	A, B, I, J, K, N
Os pais sempre acompanharam	C, F, G, J, K, L, M, N
Acompanhamento feito por familiares	D, E, H, I

<b>Tema:</b> Área Educativa	
<b>Subtema:</b> Aspetos a modificar para maior apoio aos alunos CODA	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Os Professores fazerem um esforço para conseguir comunicar com os pais	A, C, G
Haver um intérprete nas escolas	A, D, E, F, L, K
Papel de pais sem diferenças em relação aos outros	I, J, B, M
Professores terem um conhecimento básico da LGP	D, M, N
Realização de reuniões individuais com todos os pais	G

<b>Tema:</b> Área Educativa	
<b>Subtema:</b> Desafios enfrentados	
<b>Categoria</b>	<b>Entrevistado /Frequência</b>
Responsabilidade e autonomia	L, F, G, B
Sentir falta de acompanhamento nos trabalhos de casa	B,C
Normalidade	J, N, K, L

## APÊNDICE 7 –QUADRO 4 – EXPERIÊNCIA DE SER UM CODA

A	<i>"não é nada de especial (...) Como ouvinte nem sinto muito diferença em relação aos outros nem sinto que os meus pais tenham influenciado muito (...) Sinto principalmente que há falta de comunicação em certos pontos, mas não é demasiada e consigo manter uma boa relação com eles, independentemente deles não ouvirem".</i>
B	<i>"conseguimos sentir e denotar quais são as dificuldades entre um mundo e o outro (...) e conseguimos aqui uma ponte de equilíbrio e sentimos a diferença (...) é algo maravilhoso porque conseguimos aprender muita coisa que muitos dos ouvintes que não conhecem esta realidade não adquirem. Por isso é um privilégio ser filha de pais surdos".</i>
C	<i>"sobretudo é (...) crescer mais cedo do que devia, amadurecer mais rápido, assumir responsabilidades ou abordar assuntos em idades que não fazia muito sentido isso acontecer (...) ser mais responsável que os meus amigos todos quando era pequeno (...) Porque há certas alturas que somos filhos mas também somos pais ao mesmo tempo (...) eles não têm o mesmo acesso que nós temos à informação (...) serviços (...) nós somos ali uma pessoa que estamos a tentar destruir esses obstáculos e ajudá-los".</i>
D	<i>"tem que se crescer mais depressa (...) acho que é tudo igual, tirando essa parte da responsabilidade e se calhar querermos ser um bocadinho mais para eles, mostrar mais carinho, ser mais aberto"; "eu acabo por sentir que sou mais chegado aos meus pais do que outros que não têm se calhar este problema"; "vejo os meus pais, nesta altura, como pessoas que eu quero muito mimar mais do que o normal"</i>
E	<i>"É diferente, digo muitas vezes que sou especial. (...) ao longo do tempo fui mudando a ideia negativa que tinha sobre ter os pais surdos, neste momento vejo isso com normalidade mas com as mesmas preocupações".</i>
F	<i>"para mim é o que é normal, porque eu estou inserida nesse meio (...) por exemplo, os meus amigos têm todos pais ouvintes, para mim isso é que não é normal".</i>
G	<i>"é uma coisa que eu levo no meu coração e que defendo com muita força (...) faço parte de duas comunidades muito diferentes (...) eu acabo por dizer que pertença primeiro à comunidade surda e depois à ouvinte porque eu comecei a falar primeiro língua gestual e só depois é que comecei a oralizar".</i>
H	<i>"Para mim é normal (...) eu não vejo nenhuma diferença (...) os filhos de pais surdos têm uma liberdade maior do que os filhos de pais ouvintes. Nós conseguimos esconder muitas mais coisas do que um filho ouvinte".</i>
I	<i>"ser filho de pais surdos não tem nada de mais ou de menos do que se tivesse pais ouvintes (...) em pequenino é algo natural, não é algo que pese no nosso crescimento sociológico (...) Na adolescência houve de tudo (...) criticavam ou gozavam comigo por causa disso (...) O meu desenvolvimento nem sempre foi bom, muitos medos pelo meio, muitas desilusões, e grande parte partia de mim e</i>

	<i>obviamente que hoje em dia eu sei disso mas no processo de crescimento com um psicólogo pelo meio (...) sempre custou".</i>
<b>J</b>	<i>"eu acho que sou igual aos outros, não há diferenças (...) o que significa é que quando o meu pai tem que tratar de assuntos eu tenho que ir com ele (...) ser intérprete, um meio de comunicação entre as duas partes".</i>
<b>K</b>	<i>"É uma coisa normal (...) Não consigo diferenciar como se tivesse crescido com pais ouvintes".</i>
<b>L</b>	<i>"Para mim é muito normal, eu não conheço outra realidade (...) Eu acho que durante muito anos achei que toda a gente vivia como eu (...) acho que as dinâmicas das famílias não são todas iguais e não sendo todas iguais, a minha era apenas uma dinâmica que eu achava que era transversal a todas as outras".</i>
<b>M</b>	<i>"A mim não me afeta (...) o meu dia-a-dia acho que é igual ao de uma pessoa normal. Claro que há situações, por exemplo para chamar ou qualquer coisa (...) tenho que ir lá mas isso são coisas mínimas as que se habitua".</i>
<b>N</b>	<i>"É (...) uma mais-valia porque dá-me a capacidade de saber mais sobre uma língua (...) quando era mais nova não percebia porque é os meus pais eram diferentes".</i>

## APÊNDICE 8 – QUADRO 5 – RELAÇÃO COM OS PAIS

<b>A</b>	<i>" É mais difícil do que aquilo que eu noto com as outras pessoas com os pais delas obviamente (...) sinto mais proximidade do meu pai porque ele ouve, e sinto mais a vontade para falar com ele e discutir assuntos mais difíceis. Por exemplo, a minha mãe tem muita dificuldade em perceber certos conceitos, porque na língua gestual portuguesa faltam muitas coisas (...) Mas pronto o grande problema é não dizer totalmente aquilo que penso porque sei que ela não vai perceber".</i>
<b>B</b>	<i>"uma relação de grande amizade, de grande cumplicidade (...) Porque eu e eles falamos do dia-a-dia (...) das dificuldades, do que cada um sente, das diferenças que ambos os mundos (...) eu como filha ouvinte tenho que transmitir e eles como pais surdos têm que me transmitir para conseguirmos arranjar um ponto de equilíbrio na sociedade entre filhos e pais. E depois conseguirmos nós como filhos e intérprete, arranjar esse equilíbrio cá fora".</i>
<b>C</b>	<i>"Acho que a relação acaba por ser mais forte (...) mas sim considero que esse facto (...) e termos passado muita coisa que isso ajudou muito em termos de fortalecer a relação que temos uns com os outros (...) com as novas tecnologias isso facilitou muito, e sinto que eles já se desenrascam melhor sozinhos. Acho que também associado à, embora devagar, a sociedade já se tem adaptado melhor às necessidades das pessoas surdas (...) não deve mser as pessoas surdas a adaptarem à sociedade".</i>
<b>D</b>	<i>"Perfeita! Perfeita! (...) Acho que não podia ser melhor! (...) sempre tive, felizmente, muito amor dentro do meu seio familiar. (...) houve sempre muito apoio".</i>
<b>E</b>	<i>"É muito boa, comunicamos desde sempre em língua gestual portuguesa. Sou muito</i>

	<i>apegada a eles, assim como eles a mim".</i>
<b>F</b>	<i>"Nós temos uma relação muito boa e nós somos muito ligados porque eles precisam muito da minha colaboração no seio da família, por isso a nossa relação é muito unida".</i>
<b>G</b>	<i>"é complicado (...) Eu como ouvinte muitas vezes tenho dificuldades com os meus pais de os fazer entender as coisas como elas são. (...) Mas às vezes também a interpretação é diferente. (...) Tenho que conseguir passar a informação, passar o meu estado de espírito corretamente, porque se não depois é muito complicado mudares aquilo que eles pensaram que foi dito".</i>
<b>H</b>	<i>"Tenho uma relação muito boa (...) percebo-os e eles percebem-me que é o essencial. (...) por vezes sou mais adulta que eles porque há certos assuntos que eles não sabem resolver (...) Ir às finanças, ou a qualquer sítio assim público. (...) o começar desde cedo a tratar dessas coisas faz com que nós tenhamos a mesma maturidade que eles, portanto conseguimos ter uma relação aberta. E sim dou-me muito bem com eles, não tenho qualquer problema".</i>
<b>I</b>	<i>"Normal. Eles são meus pais eu sou filho deles. (...) acho que é uma relação perfeitamente natural".</i>
<b>J</b>	<i>"A relação é normal, eu brinco com eles, eu vou a todo lado com eles... é normal!".</i>
<b>K</b>	<i>"Maravilhosa. Consigo chegar até eles como as pessoas normais conseguem chegar. A partir do momento que haja um tipo de comunicação, sendo ela a linguagem gestual a aproximação é fantástica".</i>
<b>L</b>	<i>"nós somos super próximos. Eu acho que há uma relação de dependência em relação a mim e eu em relação a eles (...) Para já vou ser criança toda a vida para eles, e pronto efetivamente não vou esconder que tenho uma preocupação acrescida pelo facto de eles serem surdos (...) acho que é uma relação saudável (...) uma relação familiar muito próxima".</i>
<b>M</b>	<i>"É boa, eu sempre sei que posso falar com eles a qualquer altura que eles estão lá para me ouvir, é uma relação saudável. Penso que também os ajudo, por isso é normal, tenho uma boa relação".</i>
<b>N</b>	<i>"Muito boa, sempre fomos muito unidos apesar de eu estudar/trabalhar fora mantenho contacto com eles por mensagem. E sempre que posso estou com eles".</i>

## APÊNDICE 9 –QUADRO 6 – PAPEL DESEMPENHADO NO CONTEXTO FAMILIAR

<b>A</b>	<i>"eu sinto muito a obrigação de incluir os meus pais... por exemplo momentos familiares, o natal (...) eu sinto muito a necessidade de os incluir e isso também me pesa muito. (...) Acho que é um peso grande ter que inclui-los, acho que é a minha responsabilidade".</i>
<b>B</b>	<i>"Complicado! (...) o que me chamavam quando era criança, era a mini intérprete da família. (...) sou sincera, é muito desconfortável porque estamos todos reunidos ali, (...)</i>

	<i>todos a conversar e eu noto que há um desconforto por parte dos meus pais que é estarem a fazer um esforço, atentos para fazer a leitura labial (...) É fazer uma seleção do que está a ser falado e o que será mais importante para lhes transmitir. Outras vezes não é possível, porque eu estou a falar com a minha tia (...) é um mundo de solidão".</i>
<b>C</b>	<i>"É de porta voz, nunca tomei decisões por eles, eu exponho-lhes sempre as situações e transmito-lhes a minha ideia depois cabe-lhes a eles decidirem (...) os meus tios não têm a mesma facilidade em comunicar com os meus pais (...) por isso é mais o papel de ser porta voz e conselheiro, acaba por ser um misto das duas coisas. Isto é em assuntos mais sérios. Quando é para a brincadeira, festas é perfeitamente normal. É tranquilo".</i>
<b>D</b>	<i>"Há aquelas pessoas que já conhecem os meus pais e aí é exatamente igual (...) Aqueles que não os conhecem tão bem, eu se calhar tento dar mais atenção (...) E se for necessária alguma ajuda a mediar a conversa, é isso que eu faço".</i>
<b>E</b>	<i>"Ser intérprete. Em qualquer situação em contexto familiar e não só, usam-me como intérprete tanto os meus familiares ouvintes como os meus pais".</i>
<b>F</b>	<i>"eu sou mais como a responsável da família, sou a que sou responsável por eles por os fazer ouvir".</i>
<b>G</b>	<i>"É igual a todos os outros. (...) a minha preocupação maior é que os meus pais se integrem na festa e que percebam o que se está a passar, não deixá-los sentir que estão de parte (...) (...) há dois anos tivemos a festa de anos da minha avó (..) e entretanto comecei a falar com os meus pais em língua gestual como se o meu mundo parasse e uma tia diz-me 'olha lá estás para ai peteteu peteteu e eu não estou a perceber nada do que estás a dizer!' e eu disse 'pois é exatamente como os meus pais se sentem quando nós estamos para aqui peteteu peteteu e eles ficam sem saber o que se passa'".</i>
<b>H</b>	<i>"sou a mais velha e tenho um papel muito mais importante do que o do meu irmão (...) Os meus avós também ouvem e têm aquela barreira porque eles não sabem bem língua gestual mas 'safam-se' mas também vêm ter comigo. (...) É traduzir (...) traduzo de um lado e para o outro".</i>
<b>I</b>	<i>"tradutor, (...) esse papel não é tanto meu porque é mais da minha irmã por ser mais velha, (...) como vim para Lisboa já estou fora do ninho, de resto é normal, é de filho, a única diferença é mesmo essa no meio familiar".</i>
<b>J</b>	<i>"eu não sou só filha (...) Por exemplo, eu vejo uma família (...) com pais ouvintes, ela é só filha, tem as responsabilidades de filha e pronto! Eu já não! Eu sou filha e de vez em quando sou um bocadinho mãe deles, porque tenho que ir com eles ali e acolá (...) de resto o meu papel é lá está, de filha, faço asneirinhas, de vez em quando levo e pronto".</i>
<b>K</b>	<i>"O meu papel é ser o braço direito deles. Tenho de estar disponível 24h por dia, sendo para tratar de assuntos pessoais deles, profissionais".</i>
<b>L</b>	<i>"Claro que é muitas vezes de mediador, embora eles consigam comunicar (...) é sempre uma relação de mediação mas acho que mais do que isso, não... a família que participa mais no grupo consegue falar".</i>
<b>M</b>	<i>"Não é uma questão de haver papel (...) também tenho uma tia (...) que é surda, e eles desde pequenos que já se entendem, os meus tios com a minha mãe e o meu pai, já se entendem por isso entre eles conseguem comunicar-se facilmente. (...) Claro que quando eles não percebem algumas palavras, eu ou o meu irmão ajudamos".</i>
<b>N</b>	<i>"Ser a pessoa que por exemplo diz às pessoas o que os meus pais às vezes querem dizer e vice-versa. (...) Dentro da família toda a gente se percebe!".</i>

## APÊNDICE 10 – QUADRO 7 – INFLUÊNCIA, ENQUANTO INTÉRPRETE, NA RELAÇÃO COM OS PAIS

<b>A</b>	<i>"é um bocado difícil para mim ter sempre que ser a intérprete, mas os meus pais são muito desenrascados nesse sentido (...) eles gostam de ser eles a falar mas isso também me irrita porque às vezes eu sei que eles não conseguem (...) eu sentir que tenho que ser intérprete mas eles não deixam e é um misto de querer e não querer ajudá-los e deles quererem e não quererem que os ajude".</i>
<b>B</b>	<i>"foi esta questão, uma das, que me levou a ser intérprete de língua gestual, porque senti na pele (...) Eu só fui a partir de uma certa idade (...) só quando era mesmo necessário em questões mais de urgência hospitalar (...) Tirando isso, nunca tive que faltar as aulas, nunca me deram essa obrigação. (...) vamos às finanças, à segurança social, fazemos ali de intérpretes (...) E senti cada vez mais quando comecei a participar na associação (...) Ver que os surdos para qualquer situação (...) eles precisavam de alguém para os acompanhar".</i>
<b>C</b>	<i>"Faz-me sentir útil. Por exemplo, em miúdo eu sentia que assumia um papel muito importante (...) eu fazia de intérprete (...) era sempre eu que ia às reuniões com o meu pai sempre, e era o único puto lá no meio dos adultos todos (...) nunca me aproveitei do facto dos meus pais serem surdos, mesmo quando falavam mal de mim eu dizia tudo ao meu pai".</i>
<b>D</b>	<i>"Não influencia e não me faz sentir diferente, não. Não tenho nada que me faça sentir diferente".</i>
<b>E</b>	<i>"Acho que torna a nossa relação melhor, somos muito unidos. O facto de eu ser intérprete faz com que eu os conheça muito muito bem e faz-me sentir que sou responsável".</i>
<b>F</b>	<i>"(...) para mim é uma coisa normal (...) Isto faz-me sentir gratificante, é gratificante para mim ajudá-los (...) Em relação à nossa relação como eu disse anteriormente une-nos mais porque eles dependem mais de mim para a sua comunicação".</i>
<b>G</b>	<i>"Olha ser intérprete dos meus pais é muito importante para mim. Eu por exemplo tive oportunidade de sair do país e não saio pelos meus pais, porque eu sei que existem muitos intérpretes e tal mas eu sou a intérprete deles. E às vezes é complicado (...) porque eu tenho a minha vida e organizo a minha vida e acontece alguma coisa com os meus (...) eu estou lá para eles como eles estiveram tempo para mim (...) eu não sinto como obrigação. (...) é um dever meu e eu tenho muito orgulho em poder fazer pelos meus pais".</i>
<b>H</b>	<i>"Ser intérprete na vida dos meus pais... quando era mais nova não gostava porquê? Porque toda a gente pára e olha. (...) Hoje em dia é-me completamente indiferente (...) Não tenho qualquer pudor nem nada disso, até gosto que as pessoas olhem porque assim as pessoas vêem que há essa língua porque há pessoas que nunca viram pessoas surdas. Eu dou-me muito bem com os meus pais (...) Às vezes há certas palavras que eu não consigo traduzir e sinto-me um bocado frustrada. (...) A sério, gosto mesmo. E depois há aquele silêncio, a sério, gosto bastante".</i>

I	<i>"já me fez sentir mal, por pensar que é uma coisa estranha uma coisa diferente, pensar porquê que eu tinha que fazer aquilo. Atualmente não, atualmente é uma coisa que me sabe bem fazer, que eu gosto de estar lá para os meus pais. (...) Acho que isso não influencia nada a nossa relação, eles são nossos pais precisam de nós e nós estamos ali para ajudar"</i>
J	<i>"Às vezes confesso que é um bocadinho chato (...) antes eu não podia sair à quinta porque à sexta tinha que estar aqui para ir resolver problemas com os meus pais e isso irritava-me um bocadinho. (...) ir para a fila das finanças ficar 15, 20 minutos à espera (...) Principalmente quando eu era mais nova, eu não queria ir a esses sítios (...) porque de resto eu não me importo nada!"</i>
K	<i>"eu não sou diariamente intérprete. Porque já não vivo com eles. Mas até enquanto vivi, (...) como para mim foi sempre tudo, e é, tudo muito natural, eu não consigo diferenciar. (...) É normal. Eu estava com eles, ia ao supermercado ou ia a um restaurante, automaticamente tinha de traduzir o valor da conta final"</i>
L	<i>"eu não fui intérprete diariamente, durante muitos anos os meus pais não me 'utilizavam' para (...) claro que agora neste momento e a partir do momento em que eu comecei a ser mais crescida acho que sim (...) nunca me pareceu (...) que estivesse que estar mesmo ali como intérprete, era uma dinâmica normal, aquilo fazia parte da minha vida (...) nunca achei que fosse uma profissão dentro da relação, não! O meu dia-a-dia em família era assim, fora era assim, era uma coisa muito natural, nunca senti que fosse diferente"</i>
M	<i>"Por exemplo há certas situações, que como eles não ouvem é normal querer saber tudo, mas é difícil explicar tudo ao pormenor e às vezes tipo é complicado para mim como também para eles. (...) Nessas situações é um bocado chato mas nas outras não tenho problema nenhum"</i>
N	<i>"Primeiro senti que tive de crescer mais rápido que muitos amigos, porque desde nova que ajudo sempre os meus pais em situações de finanças, bancos, centros de saúde. (...) Torna-nos muito mais próximos, porque é preciso ter a capacidade de perceber varias situações e é preciso ter paciência e isso adquire-se ao longo do tempo. (...) até porque os meus pais sempre me ajudaram no que puderam"</i>

## APÊNDICE 11 – QUADRO 8 – ESTRATÉGIAS ADOTADAS PARA UMA BOA RELAÇÃO COM OS PAIS

B	<i>"Tem que haver uma grande relação de confiança, de tempo, porque é preciso muito tempo e muita paciência. (...) Porque há uma certa idade (...) há aquela revolta 'porque eu?' 'porque que os meus pais são surdos? Porque eu é que tenho que tratar disto ou daquilo?' (...) é um percurso que é preciso ter alguma sensibilidade e sentimento e uma paixão para conseguirmos perceber o lado deles, que não é fácil, não é!"</i>
---	---

<b>C</b>	<i>"Eu diria que não adoptei nenhuma estratégia (...) eu cresci neste meio, não sei como é que é viver num meio diferente. (...) é um bocado irónico dizer isto, mas temos que ouvir os nossos pais e penso que eles querem sempre o melhor para nós e nós para eles".</i>
<b>E</b>	<i>"Acho que não adotei estratégias (...) devemos saber comunicar a língua dos nossos pais assim não haverá qualquer problema entre nós. Outra coisa que eu acho importante, mas acho que isso só na adolescência somos capazes de perceber, é que não devemos ter vergonha de ter pais surdo (...) devemos sentir-nos especiais. E devemos defendê-los e defendermo-nos sempre. Aos pais surdos de filhos ouvintes eu aconselhava não usarem tanto o filho ouvinte como intérprete, (...) Eu sei que não há intérprete nos serviços e o mais fácil é levar os filhos, eu percebo isso tudo, mas tentem evitar isso. O filho sendo criança precisa de viver o que as crianças daquela idade vivem, de brincar. Porque apesar de parecer uma atividade inofensiva, interpretar, na verdade passa muitas responsabilidades e preocupações para o filho. Mais tarde talvez e se o filho tiver essa vontade ótimo".</i>
<b>F</b>	<i>"eu acho que temos de os ouvir também acima de tudo, ouvir e perceber o que eles querem (...) É mais nesse aspeto mas acima de tudo ouvi-los e ouvir o que eles têm a dizer".</i>
<b>G</b>	<i>"quando tinha os meus 6 ou 7 anos eu evitava que os meus pais fossem à escola (...) é triste dizer isto, não é que eu sentisse vergonha dos meus pais mas porque achava que os meus colegas me iam fazer muitas perguntas (...) E depois passei à fase em que era um máximo (...) então o que eu comecei a pensar 'eu tenho que levar isto na boa!' (...) um filho de pais surdos, faz parte de uma comunidade e tem um dom especial. (...) primeiro começa a falar língua gestual e começa a lidar com eles, a conviver com eles, a fazer parte dessa comunidade e ganhas um amor aquilo que não tens noção! (...) Eu senti que era as duas coisas. Eu quando estava na associação de surdos, eu era surda. (...). Quando estava com os ouvintes, com os meus colegas da escola, eu era ouvinte!"</i>
<b>H</b>	<i>"Às vezes é frustrante tentar explicar uma coisa e eles não perceberem (...) Mas nós temos de ter calma, temos de ter atenção ao ambiente (...) Se não explica corretamente com um gesto correto que use outro gesto e que tente chegar lá. É como no português, há pessoas que não percebem aquelas palavras caras e nós dizemos duas ou três palavras ao mesmo nível dessa palavra".</i>
<b>I</b>	<i>"Aqui é mais não ligar ao que os outros dizem por não termos pais ouvintes e é mais não nos castrarmos a nós próprios sobre isso. (...) ter orgulho em ser. Estamos a falar de pessoas que lutaram e estão a fazer o máximo que podem para educarem um filho (...) Portanto, o meu conselho para os filhos de pais surdos é, não façam isso! Não tenham medo daquilo que são! Admitam com orgulho! Muito orgulho!"</i>
<b>J</b>	<i>"Acho que o mais importante é mesmo compreendê-los e ouvi-los. (...) Tem que se ouvir o que eles dizem, eles gostam de conversar, gostam! Lá está eles são como os pais normais, gostam de saber como vai a escola, como foi o teu dia, como é que estão os teus amigos, o que tu andas a fazer".</i>
<b>K</b>	<i>"os pais que são surdos e que têm filhos ouvintes tentar esforçarem-se ao máximo o ensinar a linguagem gestual. Porque de facto é a forma mais direta de comunicarmos com eles. (...) Eu acho que é o que se deve ensinar e o que se deve passar realmente é passar essa barreira da timidez e da vergonha de às vezes 'os meus pais são surdos' (...)".</i>
<b>L</b>	<i>"Eu acho que por nunca ter adotado nenhuma estratégia é que as coisas foram tão naturais. E acho que isso também tem a ver com a postura dos meus pais em relação à vida, às situações, aos problemas e também foi sempre numa de desenrasque e estávamos todos para resolver a situação, não era 'tu resolves, porque nós somos surdos</i>

	<i>e tu é que tens que resolver porque nós não conseguimos' não, nunca foi assim!".</i>
<b>M</b>	<i>"Eu acho que pais são pais e não devemos fazer distinção independentemente do que ele tenha ou não tenha. Devemos sempre comunicar com eles, apoiar, ajudar porque eles também nos ajudam e sacrificar coisas por eles como eles já sacrificaram por nós".</i>
<b>N</b>	<i>"Teve tudo a ver com aquilo que vi com o meu irmão. Ele ensinou-me a ver a deficiência que os meus pais têm como uma oportunidade, a ganhar gosto e orgulho em saber língua gestual e a não ter vergonha em ter pais que são surdos!".</i>

## APÊNDICE 12 – QUADRO 9 – IMPACTO DE FAZER PARTE DA COMUNIDADE SURDA NA VIDA SOCIAL

<b>A</b>	<i>"em relação à minha vida social com os meus amigos não muda nada porque muitos nem sabem que eles são surdos, nunca veio à baila".</i>
<b>B</b>	<i>"é uma grande aprendizagem (...) Eu pertença à associação (...) é muito bom é uma riqueza que só quem está lá sente. Porque criam-se laços e aprendemos muito com os mais velhos, com os mais novos. (...) sempre me senti bem dentro da comunidade e sou sincera, mais na comunidade surda que na ouvinte! Eu acho que na comunidade surda são mais diretos mais verdadeiros (...) pelo menos na realidade onde estou".</i>
<b>C</b>	<i>"cresci muito mais depressa, amadureci muito mais depressa. (...) conheço muito amigos deles e fui muitas vezes a convívios por este país fora (...) uma pessoa aprende a ver que nem todos os surdos são iguais, há surdos com necessidades diferentes (...) não há nenhuma fórmula mágica para se lidar com isto (...) acho que as pessoas têm é que se adaptar e conseguir facilitar a vida".</i>
<b>D</b>	<i>"tirando a relação que tenho com os meus pais, não tenho qualquer relação com surdos mudos. Mas tive bastante até aos 15/16 anos, (...) eu não tenho nada a dizer. (...) Mas depois chegou uma altura (...) tinha os meus amigos e ia fazer a minha festa a outro lado. Não era porque não quisesse era simplesmente porque era um adolescente a tentar fazer as minhas coisas com os meus amigos".</i>
<b>E</b>	<i>"É muito positivo, é conhecer pessoas diferentes, com histórias diferentes, língua, cultura. E isso torna-me mais rica, mais interessada, mais capaz. Sendo agora intérprete, tudo isto influencia-me a ser uma boa profissional".</i>
<b>F</b>	<i>"Por exemplo os meus amigos acham imensa piada e gostam imenso, eles gostam imenso dos meus pais e de estar com eles nas festas ou assim. (...) acho que tem um bom impacto na minha vida social. (...) é uma coisa normal e nunca me afetou".</i>
<b>G</b>	<i>"É bom é muito bom. (...) fazes parte de duas comunidades e as pessoas têm sempre curiosidade. (...) Então temos que explicar e eu tenho gosto em explicar".</i>
<b>H</b>	<i>"Eu não tive nenhum impacto, é normal (...) Os meus amigos sabem todos que eu tenho</i>

	<i>pais surdos, não têm nenhum problema com isso. Dou-me bem com eles. Alguns falam com eles (...) O que me mete mais confusão é ir para uma casa só de pessoas ouvintes e estarem sempre sempre a falar e como estou habituada ao silêncio..."</i>
<b>I</b>	<i>"Muito grande! Ahhh felizmente sempre tive um impacto muito positivo na comunidade surda, também porque os meus pais são pessoas muito queridas na comunidade surda (...) E o facto de sair da comunidade, da minha terra natal e vir para cá fazer a minha vida e trabalhar, gostam de quando eu volto, da minha presença, de saber como eu ando. E eu gosto muito do meu papel digamos, na comunidade surda".</i>
<b>J</b>	<i>"Eu não acho que tenha tido um grande impacto, (...) eu cresci no meio deles, mas ao longo do tempo eu entrei na escola, conheci outras pessoas, eu consegui ter uma vida normal, eu não tenho uma vida diferente dos outros só porque tenho pais surdos e eles não".</i>
<b>K</b>	<i>"Agora infelizmente não é muita, mas já foi. Eu cresci com os meus pais em associações (...) Tenho muitas boas recordações, personalidades diferentes, mas sim teve um impacto positivo, de eu poder dizer que a minha família é surda. (...) Portanto o que eu faço com os ouvintes, fazia com eles mas noutra língua".</i>
<b>L</b>	<i>"Eu acho que o único impacto foi que me deu uma agência social maior. O estar preparada para outras situações e conhecer realidades completamente diferentes (...) durante a minha infância e adolescência grande parte das minhas experiências foram na comunidade surda, não só, mas também! Por isso acho que é apenas uma riqueza que me deu".</i>
<b>M</b>	<i>"Os meus amigos todos sabem que os meus pais são surdos (...) depois começaram a ter interesse sobre isso e muita gente fala comigo que gostaria de saber mais sobre o assunto, sobre a língua gestual e etc. e é aquela curiosidade".</i>
<b>N</b>	<i>"Acho uma situação super normal. Por exemplo, se encontrar um surdo (...) que precisa de ajuda porque não se está a entender com alguém de algum serviço, sou capaz de ajudar e toda a gente fica surpreendida, mas para mim é algo normal".</i>

## APÊNDICE 13 – QUADRO 10 – VANTAGENS E DESVANTAGENS DE SER FILHO DE PAIS SURDOS

<b>A</b>	<i>"Vantagens não penso que haja muitas (...) porque se eu precisar que os meus pais contatem a escola ou com outras pessoas é sempre muito difícil, tenho que ser eu a guiar-me sozinha. (...) por exemplo, segurança social ou seja o que for, e eles não serem capazes de tomar conta dos assuntos deles, quer dizer, eles são para eles, mas as outras pessoas não os vão perceber".</i>
<b>B</b>	<i>"É ouvir das outras pessoas coisas muito negativas e muita discriminação ainda. (...) Agora vantagens... há imensas, porque as pessoas querem saber muita coisa sobre a realidade deles (...) E as pessoas depois também aprendem connosco, o que é bom. (...) Para mim é um orgulho poder ensinar a, para as pessoas evoluírem (...) poder abrir os olhos, abrir esse conhecimento para as pessoas que estão à volta (...) também se aprende</i>

	<i>uma segunda língua que é muito rica".</i>
<b>C</b>	<i>"crescer depressa, o lidar com muita coisa importante, tem-se uma prespetiva diferente das coisas, que não se pode ter tudo de mão beijada (...) é saber língua gestual (...) sentes-te útil (...) é mesmo gratificante tu saberes que consegues ajudar e tornar o dia de alguém melhor (...) Desvantagens? (...) é preciso mais tempo, gasto mais tempo com os meus pais".</i>
<b>D</b>	<i>"Desvantagem vejo uma. (...) eu gostava que eles ouvissem a minha voz e hummm gostava que eles tivessem a oportunidade de ouvir o que é musica (...) Se eles não tivessem esta deficiência eu acho que não estava tão chegado a eles como eu fui, quer se queira quer não, obrigado a estar tão chegado com eles, portanto a minha relação com eles é muito forte e essa é uma das grandes vantagens sem dúvida"</i>
<b>E</b>	<i>"Desvantagens são estar preocupada porque os pais vão sozinhos não sei onde, ou porque estão sozinhos em casa doentes por exemplo e como vão avisar se precisarem de alguma coisa? Comunicamos só pela internet, videochamada. (...) Muitas vezes levar com atitudes discriminatórias. Vantagens, é ser responsável, organizada, fluente em duas línguas. Possibilidade de comunicar fisicamente longe um do outro, através da LGP. (...) Tenho uma memória muito visual, organizo muita coisa mentalmente, e penso que isto se deve ao facto de ser bilingue e uma das línguas ser visual. Poder fazer barulho em casa sim, (...) Por exemplo ouvir música ou falar ao telemóvel, numa hora em que já estão a dormir não é problema".</i>
<b>F</b>	<i>"Desvantagens (...) tenho que ser muito intérprete deles, por exemplo, (...) luz, gás, coisas desse género têm que ter sempre o meu contacto (...) Vantagens, é quando eu chego a casa à noite e eles não ouvem, ahahahah! (...) eu tive que crescer mais depressa para poder ajudá-los (...) eu tenho um irmão mais novo (...) eu também tenho que tratar muito dele, tenho que ser como uma segunda mãe para ele, ir a reuniões com a minha mãe, explicar-lhe as coisas, também estou muito inserida nesse aspeto".</i>
<b>G</b>	<i>"as desvantagens, é que a nossa sociedade não está preparada para a comunidade surda. Os nossos serviços públicos não estão preparados (...) E a nossa sociedade não está preparada para isto, não! Uma grande vantagem é que tu sabes uma língua que é maravilhosa, sabes falar com eles".</i>
<b>H</b>	<i>"É o silêncio em casa, é a liberdade, eu tenho muita liberdade e sinto que os filhos de pais surdos a têm. (...) muita liberdade mas têm muita consciência do que é que podem ou não fazer mesmo tendo assim uns pais. (...) Desvantagens é como eu lhe disse, quando estou no quarto e quero chamar a minha mãe tenho de me levantar para ir lá chamá-la, isso é que é chato".</i>
<b>I</b>	<i>"Vantagens é dar-nos um conhecimento psicológico profundo sobre os outros. Dá-nos ferramentas para estudarmos os outros nos seu comportamento diário porque nós olhamos para os outros e percebemos nas suas expressões faciais e corporais o que estão a comunicar e isto é uma ferramenta muito boa de estudo social. (...) Agora aspectos negativos (...) Só as pessoas que possam ser xenófobas e critiquem e achem que isto pode ser uma coisa má".</i>
<b>J</b>	<i>"As desvantagens é a comunicação sem duvida! É muito chato o meu pai não poder por exemplo, ir às finanças resolver um assunto sem mim (...) acho que não há vantagens (...) Mas se calhar eu até sou mais próxima dos meus pais por eles serem assim do que se eles ouvissem, por exemplo, porque acompanho muito mais a vida deles".</i>
<b>K</b>	<i>"não há desvantagem absolutamente nenhuma, é da maneira como a gente encara e como a gente é educada. (...) Hoje em dia (...) há as videochamadas que em tempos não havia, mas às vezes o que me faz falta é poder ligar (...) Tem de ser por mensagens ou</i>

	<i>esperar chegar a casa para poder ter internet e ligar. (...) Vantagens, é o sentimento de os ter que proteger, de os ter que ajudar (...) são esses prazeres, quando a gente gosta da linguagem gestual".</i>
<b>L</b>	<i>"a vantagem acho que é a proximidade (...) que se criou na relação, temos uma relação de proximidade e cumplicidade e eu nem sequer consigo conceber aquelas pessoas que dizem que os filhos não sabem língua gestual, faz-me alguma confusão (...) antes dos telemóveis eu tinha dificuldade em ligar ao meu pai".</i>
<b>M</b>	<i>"Por exemplo o barulho, em casa nas horas da noite que não se pode fazer barulho porque os pais estão a dormir (...) Agora desvantagens, por exemplo fazer chamadas como eles não ouvem eles têm que estar atentos ao telemóvel e às vezes não estão e isso impossibilita que eles atendam logo a chamada, as vídeochamadas neste caso ou que respondam às mensagens. E também por exemplo quando são chamados por causa de problemas na casa etc., temos que ser eu e o meu irmão a tratar desses assuntos".</i>
<b>N</b>	<i>"As vantagens são a língua gestual, a autonomia, a diversidade de situações que aprendi a saber lidar melhor, a ganhar paciência e dar valor à família. Desvantagens, é a comunicação quando se está longe, apesar de já haver Skype e outros meios, há situações em que eles não se estejam a desenrascar e eu fico preocupada. (...) Ah! A campainha, quando me esqueço das chaves e é de noite e eles já estão a dormir".</i>

## APÊNDICE 14 – QUADRO 11 – CONSTRANGIMENTOS NAS INTERAÇÕES SOCIAIS DEVIDO AOS PAIS SEREM SURDOS

<b>A</b>	<i>"eu nunca senti constrangimentos porque como para mim é tão normal eu tendo a fazer com que as outras pessoas o vejam como normal e introduzo o assunto como algo normal e como sempre fui a mediadora daquilo (...) mas a nível das pessoas estranhas, como na segurança social, não sei, as pessoas não percebem e os meus pais ficam irritados e descarregam muito em mim. Esse é o único constrangimento".</i>
<b>B</b>	<i>"Houve uma fase da idade, lembro-me na primária (...) havia ali um certo gozo 'ah os teus pais são surdos! Eles não sabem falar'" também podia ser maldade das crianças (...) Mas depois não, nunca senti que houvesse ali algum tipo de problema por ter pais surdos".</i>
<b>C</b>	<i>"às vezes é um bocado estranho estares na rua a falar com eles e passa alguém, esquece! Fica parado, tipo, que nem um meco a olhar (...) às vezes são situações constrangedoras e a pessoa fica preparada para muita coisa e acho que isso contribuiu para o facto de eu ser assim mais extrovertida".</i>
<b>D</b>	<i>"Sim sim! Senti, é engraçado que tenho gravado na minha memória (...) era muito novo mas lembro-me como se fosse ontem. (...) estávamos no comboio (...) E lembro-me que estavam um grupo de jovens ao nosso lado (...) estavam a rir do meu pai a ter uma conversa com a minha mãe. E lembro-me do meu pai ter ficado muito chateado, constrangido mesmo e se ter levantado e ter começado reclamar com eles".</i>
<b>E</b>	<i>"Quando era pequena tinha vergonha de dizer que eram surdos, de comunicar em língua</i>

	<i>gestual à frente de outras pessoas (...) Depois acho que o facto de lidarmos com pessoas que não percebem nada da surdez e LGP, ficamos já habituados em ouvir surdo mudo, linguagem gestual, ou a levar com algumas atitudes/comentários discriminatórias. (...) Fico mesmo triste quando isso acontece".</i>
<b>F</b>	<i>"Não, nunca. Acho que as pessoas até nos integraram mais se calhar por causa disso, nunca fui excluída ou assim".</i>
<b>G</b>	<i>"Não nunca! Sempre me desenrasquei muito bem e sempre soube quebrar aquele sentimento de 'ei os pais dela são surdos' (...) eu aprendi a defender-me mas levando tudo na brincadeira, levando na boa, tentando apaziguar as coisas, às vezes os meus pais percebiam alguma coisa mal e há que tentar desenrascar a coisa".</i>
<b>H</b>	<i>"quando eu era pequenina não gostava porque toda a gente para e olha. (...) eu tenho de compreender que as pessoas na altura não conheciam a língua gestual como conhecem hoje (...) há 10 anos ou 13 anos havia muita gente que não sabia o que era uma pessoa surda e diziam que uma pessoa surda era uma pessoa surda e muda, um erro que muita gente comete".</i>
<b>I</b>	<i>"Já, muito má. Ao ponto de chegar a casa a chorar e partir vidros, mas isso são outros 500. Moldaram no sentido de começar a esconder aquilo que eu era. Não falar sobre o assunto dos meus pais e o que os meus pais eram virou um assunto tabu. (...) Dava uma conotação má quando não devia e isso influencia porque deixamos de ser e admitir aquilo que nós somos".</i>
<b>J</b>	<i>"Quando nós éramos mais pequenos e as pessoas não faziam ideia de que havia surdos aqui, era muito chato nós estarmos na rua a falar e toda a gente olhar".</i>
<b>K</b>	<i>"Já (...) Foi mais na adolescência (...) Foi inicialmente quando entrei para o infantário, comecei a aperceber essas tais diferenças. E depois quando fui para a escola, tinha vergonha de quando o meu pai me ia buscar, porque ele era surdo e as pessoas ficavam todas a olhar (...) Até tenho vergonha de dizer uma coisa destas. Claro que há medida que eu fui crescendo, isso fez-me perceber o quanto errada eu estava (...) Vivemos experiências e depois até mesmo a interação que nós vamos tendo com eles (...) fez-me ter uma visão da vida de maneira diferentes".</i>
<b>L</b>	<i>"Não não. (...) como eu estava tão à vontade com o tema achava que os outros também tinham que estar e sempre que não estavam eu reivindicava um bocadinho".</i>
<b>M</b>	<i>" para mim não há nenhum constrangimento, é só o normal".</i>
<b>N</b>	<i>"Sim, houve alturas quando era nova que tinha de falar em língua gestual com os meus pais na rua (...) e tinha vergonha porque toda a gente fica a olhar, mas depois com o passar do tempo aprendi a ignorar os olhares das pessoas (...) estava na adolescência, também não ajuda muito!".</i>

## APÊNDICE 15 – QUADRO 12 – JÁ SE SENTIU DISCRIMINADO

<b>A</b>	<i>"Nunca me senti discriminada porque as pessoas nunca me viram como a filha de pais</i>
----------	---

	<i>surdos. Talvez mais na minha família (...) não sei se eles acham menos de mim por eu ser filha dos meus pais (...) acho que eles tendem a pensar que eu também não vou conseguir e não sou tão desenvolvida quanto eles".</i>
<b>B</b>	<i>"Não, nunca me senti discriminada".</i>
<b>C</b>	<i>"Não acho que não! (...) pelo contrario, acho que as pessoas passam a admirar-me mais talvez, quando sabem que eu sei língua gestual e que os meus pais são surdos (...) é fixe porque é um assunto que eu gosto de falar porque la está, muita gente não tem conhecimento de causa sobre isto e acho que não faz mal a ninguém estar mais informado sobre isto".</i>
<b>D</b>	<i>"eu acho que não, mas já vi pequenas situações a acontecer que não deviam ter acontecido com os meus pais".</i>
<b>E</b>	<i>"Sinto-me discriminada quando discriminam os meus pais. Em contexto de trabalho principalmente, os surdos têm muitas dificuldades em conseguirem arranjar trabalho. E claro há discriminação diariamente, tendo em conta que eles têm o direito a ter acesso a comunicação na sua língua natural e isso continua a não acontecer nas mais variadas situações".</i>
<b>F</b>	<i>"É assim, discriminada não! Eles sim, questões como telefonemas, coisas que eles precisem de falar e outra pessoas ouvir. Mas eu não!".</i>
<b>G</b>	<i>"senti-me por exemplo em reuniões de pais eu ia às reuniões de pais todas e era a única e sentia que os pais olhavam para mim, olhavam para os meus pais (...) o meu o meu script inicial é 'eu estou aqui porque os meus pais são surdos e sou eu que falo por eles' (...) tive que aprender a usar as coisas a meu favor. E não ligar tanto à discriminação".</i>
<b>H</b>	<i>"Não, nunca me senti discriminada".</i>
<b>I</b>	<i>"já na infância, depois daí ter surgido aquele tabu. Em que situações sinceramente já não me lembro porque já lá vai um tempo, são coisas que uma pessoa quer esquecer e acaba por esquecer".</i>
<b>J</b>	<i>"Acho que nunca me senti discriminada por ser filha de pais surdos, nem na escola, nem na minha vida social, nem profissional, nada!".</i>
<b>K</b>	<i>"Não, não. (...) acho que todos passaram por isso, aquela tal... vergonha. Nós próprios nos estamos a discriminar porque de facto, nunca senti um riso ou um gozo. (...) Mas discriminada não. Até despertava curiosidade entre eles, nós próprios é que às vezes infelizmente criávamos a discriminação em nós próprios".</i>
<b>L</b>	<i>"Não! Eu acho que nunca (...) Mas já senti algumas reservas em relação a mim, não com a comunidade ouvinte, mas com a comunidade surda e relacionado com a minha profissão".</i>
<b>M</b>	<i>"já chegamos a uma sociedade que nada lhes é estranho. Por isso nunca houve assim um episódio de discriminação".</i>
<b>N</b>	<i>"Acho que não, também pela atitude dos meus pais. (...) e mesmo os meus amigos na escola nunca gozaram comigo por causa disso".</i>

## APÊNDICE 16 – QUADRO 13 – ASPETOS QUE FALTAM NA SOCIEDADE PARA UMA MELHOR ATITUDE COM OS SURDOS

<b>A</b>	<i>"acho que falta ensinar as pessoas, a língua gestual (...) falta incluir mais as pessoas surdas nos grupos (...) a Soares dos Reis é um grande exemplo (...) têm intérpretes e elas têm um papel muito importante porque fazem com que os alunos surdos interajam com os ouvintes e estão sempre nas salas e falam e isso é muito importante e isso devia haver em todas as escolas".</i>
<b>B</b>	<i>"Muita sensibilidade e aceitação, porque por vezes a área da medicina é a pior, infelizmente apesar de serem médicos (...) ainda falta muita abertura por parte da sociedade e das empresas principalmente. Por isso ainda falta esta aceitação, compreensão e tentar pôr-se no lugar do outro. E falta informação também".</i>
<b>C</b>	<i>"Mais intérpretes (...) em junho pús uma crítica na página da RTP (...) à segunda-feira na RTP dá os 'pós e contras' e não tem intérprete (...) acho que é a atitude das pessoas que deve mudar (...) onde merece mais alterações é na área da saúde (...) acho que as pessoas surdas têm uma dificuldade muito maior em termos de ensino e depois de acesso ao mercado de trabalho (...) era expor como é a vida de uma pessoa surda durante o dia (...) na televisão, acho que isso ia fazer terem noção e mudar algumas cabeças".</i>
<b>D</b>	<i>"Falta mais informação, obrigar as pessoas a conhecer tudo aquilo que ainda é desconhecido. (...) por exemplo era mais importante que houvesse aulas (...) de educação mesmo, de como se deve comportar, de valores que são importantes ser bom para o outro (...) falar de como devemos ser enquanto pessoas".</i>
<b>E</b>	<i>"Acesso à comunicação em LGP essencialmente. Uma sensibilização acerca dos surdos, que não são um bicho de sete cabeças".</i>
<b>F</b>	<i>"Acho que falta compreensão e saber que nem todas as pessoas são iguais e que nem toda a gente ouve. (chora) desculpe estou emocionada (...) haver pelo menos uma intérprete nos centros de saúde, por exemplo se há rampas para as pessoas sem mobilidade também devia haver intérpretes para poder falar por quem não pode".</i>
<b>G</b>	<i>"Paciência. E vontade de fazer as coisas. Porque tu consegues entender um surdo, se tu te esforçares minimamente (...) )no geral, seja no café, num serviço social, se tiveres abertura para, entendes".</i>
<b>H</b>	<i>"Em cada estabelecimento público deveria haver uma intérprete, isso é uma barreira muito grande porque as pessoas não compreendem os surdos e depois os surdos ficam com a ideia que os ouvintes não os querem ajudar. (...) E também não discriminarem em termos de trabalho (...) Eles são só surdos, eles não são preguiçosos, só não ouvem (...) e estão concentrados no que fazem".</i>
<b>I</b>	<i>"a sociedade sabe que existem surdos, não sabe é que existem filhos ouvintes de pais surdos. Porque se são surdos significa que vão ter filhos surdos (...) não! Há coisas diferentes, há a surdez que é genética e há outra que é eles ficarem surdos por alguma doença".</i>
<b>J</b>	<i>"Sem dúvida a parte de ter intérpretes (...) é bom ter na parte do telejornal (...) Mas falta ter intérpretes nos serviços de finanças, numa Câmara, num hospital, para eles também se sentirem mais independentes, porque eles necessitam dessa independência".</i>
<b>K</b>	<i>"Uma pessoa para traduzir (...) Vamos a um hospital e se houvesse mais meios, mais recursos de pessoas lá preparadas para receber pessoas surdas as pessoas automaticamente iam vendo que aquilo existe, iam integrando".</i>

<b>L</b>	<i>"Falta que eles estejam mais lá. Acho que se as pessoas se impõem, se estão lá, obrigam as pessoas a pensar sobre. E muitas vezes, ao longo dos tempo, aquilo que foi acontecendo foi que para os surdos era tão difícil estar lá, que se punham à margem. (...) Eu percebo que seja difícil para um surdo chegar e dizer 'eu estou aqui', mas há essa necessidade de se imporem, e dizer eu esforço-me, eu descalcei a bota agora é a vossa vez".</i>
<b>M</b>	<i>"por exemplo, os meus pais irem aos hospital (...) ou a um café (...) as pessoas não estão habituadas e acho que se tivessem um pouco mais de conhecimento sobre a língua gestual (...) digamos que já não ia ser tão estranho na sociedade".</i>
<b>N</b>	<i>"Desde cedo aprenderem língua gestual. Ou pelo menos que haja uma abordagem sobre isso nas escolas primárias, falar sobre como as pessoas que são surdas são pessoas normalíssimas, apenas falam numa língua diferente".</i>

## APÊNDICE 17 – QUADRO 14 – PRIMEIRA LINGUA E A SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO/ APRENDIZAGEM

<b>A</b>	<i>"O português oral (...) A língua gestual veio mais tarde, eu via os meus pais em casa a falar mas só fazia gestos pequeninos (...) e comunicava com os meus códigos gestuais e oralizando. (...) Quando eu falo mexo muito com as mãos e é isso, ajudou-me a comunicar melhor".</i>
<b>B</b>	<i>"A minha primeira língua foi a língua gestual. (...) comecei a falar mais tarde, porque diziam que eu era surda no infantário (...) depois tiveram que pôr-me numa terapêuta ou professora especial (...) A partir do 5.º ano (...) É um método diferente, sentimo-nos perdidos mas temos que nos desenrascar e nunca tive qualquer tipo de grandes dificuldades ou precisar de alguém".</i>
<b>C</b>	<i>"É o português oral (...) Desde pequeno que me disseram que era muito tagarela. Depois fui aprendendo com os meus pais. Nunca tive nenhum tipo de formação. (...) desde pequeno sabes falar duas línguas e facilita muito porque estas habituado a aprender desde pequeno".</i>
<b>D</b>	<i>"acho que foi a linguagem gestual mas teria que perguntar ao meu pai. Mas acho que não teve influência nenhuma".</i>
<b>E</b>	<i>"Língua gestual portuguesa. Apesar de ter adquirido as duas em simultâneo (...) Não influenciou de forma negativa, considero sempre positivo uma criança ser bilingue. E como já disse anteriormente o facto de ser uma língua visual tornou-me uma pessoa mais visual também".</i>
<b>F</b>	<i>"as duas ao mesmo tempo (...) eu comecei a falar muito cedo, eu quando fiz um ano já cantava os parabéns".</i>
<b>G</b>	<i>"A minha primeira língua é a língua gestual e é a que eu considero a minha língua mãe. (...) Isto foi um jogo entre nós, porque os meus pais ensinavam-me língua gestual e eu ensinava-lhes língua oral (...) Comecei a falar oralmente mais tarde um bocadinho".</i>
<b>H</b>	<i>"A minha primeira língua é o português. (...) tanto falo com pessoas ouvintes como com</i>

	<i>peças surdas. (...) mas deve ter sido o português".</i>
<b>I</b>	<i>"Por norma aquilo que nós dizemos é que tanto é a língua gestual como o português falado, é dúbio. Porque é a primeira língua materna. Porque nós somos bilíngues (...) Sou péssimo a línguas! (...) para mim é muito complicado aprender línguas novas, é sim!"</i>
<b>J</b>	<i>"É assim, eu acho que a minha primeira língua é o português oral (...) e eu tenho os meus avós e a minha madrinha"</i>
<b>K</b>	<i>"Linguagem gestual. Não influenciou nada. Na escola eu não usava a linguagem gestual. (...) eu ganhei foi espiritualmente. (...) não me deu cinco não me deu nada. (...) Mas para mim é a coisa mais normal do mundo por isso acho que nunca se interligaram na minha educação".</i>
<b>L</b>	<i>"A minha primeira língua é a língua gestual sem dúvida! Eu acho que aprendi efetivamente, eu fiz o percurso que os surdos deveriam fazer na essência, que é partir da língua gestual para aprender tudo o resto. (...) tentavam sempre que eu participasse ativamente com ouvintes (...) a oralidade sempre teve muita importância para eles".</i>
<b>M</b>	<i>"Eu acho que deve ter sido primeiro o português oral (...) aos poucos fui aprendendo o oral depois o gestual (...) fui muito bem educado pelos meus pais (...) eles são humildes e isso influenciou a minha educação e pelo menos tornei-me melhor pessoa".</i>
<b>N</b>	<i>"O Português oral. Os dois. (...) Mas sinceramente, saber língua gestual para a escola não tem qualquer tipo de relevância, porque é tudo oral. nunca tive colegas surdos".</i>

## APÊNDICE 18 – QUADRO 15 – INFLUÊNCIA E O FACTO DE TER PAIS SURDOS TEVE NO SEU DESENVOLVIMENTO/ PERCURSO EDUCATIVO

<b>A</b>	<i>"tive que me desenrascar muito sozinha e que foi ótimo (...) acho que se calhar hoje em dia não tinha tanto desenvolvimento comunicativo como agora e se calhar não tinha tão boas notas e não me esforçava tanto para as coisas que quero. (...) eu queria sempre a aceitação das pessoas que comunicavam bem (...) sempre quis que as pessoas percebessem que eu conseguia fazer tudo e que sou inteligente. E os meus pais por não conseguirem, desleixam-se e são preguiçosos e isso foi um exemplo para eu não fazer o mesmo".</i>
<b>B</b>	<i>"Foi ir para o curso de tradução. (...) quando a associação abriu envolvi-me mais (...) desviando-me mais para essa necessidade de haver ali uma ponte de comunicação porque na Guarda não existia intérprete (...) o percurso realmente foi este, como senti na pele a falta de intérpretes".</i>
<b>C</b>	<i>"no percurso educativo, tens aquela facilidade de aprender mas na escola os meus amigos tinham os pais que ajudavam a estudar (...) Acho que a grande diferença é essa é não ter alguém em casa que possa ajudar ou corrigir enquanto estudas. (...) Mas lá esta ganhas uma sensibilidade para as outras coisas e noutras situações a ajudar os teus pais que acabas por ser muito bom a desenrascar-te (...) e isso ajuda muito no teu</i>

	<i>crescimento, no teu desenvolvimento e durante a vida e isso também influenciou na escola".</i>
<b>D</b>	<i>"(...) a irmã do meu pai era professora e eu passei muito tempo com ela depois das aulas e por isso nunca tive problema, se é que é um problema para alguém, eu nunca tive".</i>
<b>E</b>	<i>"Senti que os meus pais não estiveram muito presentes pelo facto de não acederem à comunicação em reuniões (...) em casa sim acompanhavam-me (...) e chegou a uma certa altura que eu sentia-me responsável por mim mesma, eles confiavam em mim".</i>
<b>F</b>	<i>"eu se às vezes tivesse alguma dificuldade (...) eles não iam conseguir explicar, não iam conseguir ler e então eu ia para casa de uma vizinha (...) depois inscreveram-me num ATL".</i>
<b>G</b>	<i>"Na escola se calhar o facto de ter pais surdos puxou-me, porque a língua gestual puxa (...) pela parte intelectual dos miúdos (...) E eu na escola acabo por ter uma atenção redobrada por causa disso. (...) E os professores diziam que (...) o facto de eu aprender muito rápido vinha daí, porque em casa para aprender eu tinha que estar muito atenta e desde pequenina que estava".</i>
<b>H</b>	<i>"houve uma fase no 12.º ano que eu queria ser intérprete, mas depois por causa do português (...) mas agora estou empenhada outra vez. (...) acho que eles me educaram como se fossem ouvintes".</i>
<b>I</b>	<i>"quem teve a maior parte do papel de encarregado de educação foi a minha irmã porque era mais velha. Por isso nesse aspeto não senti nenhuma diferença".</i>
<b>J</b>	<i>"Até agora eu não trabalhava com língua gestual (...) cresci a pensar que ia para a faculdade porque eles diziam 'tu vais! É o melhor para ti, para toda a gente!' eles sempre me incentivaram, sempre disseram 'faz a tua escolha, faz o que é melhor para ti'. (...) tive o mesmo acompanhamento, lá está tive a minha avó e a minha madrinha que foram figuras muito presentes na minha educação".</i>
<b>K</b>	<i>"eu não sei se é por ter pais surdos ou se era por ter os pais que tinha a nível de personalidade. (...) era da personalidade deles deixarem-me à vontade. E era da minha personalidade ser uma pessoa dedicada à escola. (...) A minha aprendizagem, era por ser uma criança muito curiosa, eu própria estudava (...) não era realmente pelos meus pais não me saberem explicar".</i>
<b>L</b>	<i>"Não sei acho que não teve nenhuma. (...) se calhar nas opções que eu fui fazendo e da consciencialização desde muito cedo daquilo que eu queria e não queria fazer. (...) acho que riqueza sim, riqueza de contextos, de atuação, de fazer perguntas muitas vezes relacionadas com certas situações (...) E acho que a maior influência que teve, foi no sentido de me dar autonomia, de me dar à vontade".</i>
<b>M</b>	<i>"os meus pais apoiavam-me bastante, a escrever, nos trabalhos de português, matemática mas chega a um ponto que os pais já não conseguem ajudar, só incentivar o ensino mas isso acontece com todos os pais".</i>
<b>N</b>	<i>"Acho que me levou a ser mais autónoma e didata. Sempre tive boas notas, nunca tive aquela ajuda dos pais que muitos colegas meus tinham (...) Mas como tive que ser didata noutras áreas da vida, também aprendi a ser na escola".</i>

APÊNDICE 19 – QUADRO 16 – DESCRIÇÃO DO ACOMPANHAMENTO DOS PAIS DURANTE O PERCURSO ESCOLAR

<b>A</b>	<i>"na primária, acompanharam-me sempre. E nos trabalhos de casa, nas reuniões também (...) quando viram que eu conseguia falar bem com as pessoas e resolver tudo por mim mesma, deixaram-no de fazer porque eles vão lá e a professora está a falar e eles não estão a perceber nada (...) estou no 12.º ano e eles já não vão a reuniões minhas pelo menos há 5 anos (...) acho que eles também já confiam em mim. (...) sempre me incentivaram na escola e que não podia desistir daquilo e ajudaram-me bastante".</i>
<b>B</b>	<i>"Até uma certa idade foram eles, sempre quiseram saber, sempre me perguntaram (...) eles sempre me apoiaram e depois disseram 'ok então vais para uma explicadora para te ajudar'. Em reuniões a minha mãe por vezes ia (...) Lembro-me duma professora muito incomodada perguntar 'como é que eu posso falar com a tua mãe?' e eu disse para escrever coisas fáceis e diretas. Quando disse à minha mãe ela disse 'fácil! Professora dá papel, bom dia, notas boas, sim!' (...) É como ela (a mãe) diz 'eu tenho que ser independente, eu sei escrever e pronto!'"</i>
<b>C</b>	<i>"Foram, foram sempre eles, eu ia com eles às reuniões de pais, fazia de interprete (...) Sempre foram os meus pais, nunca tive outra pessoa a acompanhar-me".</i>
<b>D</b>	<i>"Nas reuniões escolares não foram eles, a minha mãe esteve sempre presente (...) claro que depois alguém lhe transmitia, ou ia com a minha avó até aos meus 14 anos e depois ia a minha mãe e a minha tia".</i>
<b>E</b>	<i>"Não. (...) Quem me acompanhou foi a minha avó, até ao 9.º ano. Depois disso nem a minha avó, nem o meu pai".</i>
<b>F</b>	<i>"Sim sim (eles acompanharam) (...) eles sabem que isto é uma boa nota ou não mas eu certifico-me de que está tudo bem. Eu ia sempre às reuniões e traduzia sempre o que a professora estava a dizer e pronto".</i>
<b>G</b>	<i>"É assim em relação a reuniões e assim a minha mãe fazia questão em estar nelas todas como eu que tinha que lá estar. Mas em termos de trabalhos de casa e tudo eu tenho noção que não. (...) Mesmo nos tempos antigos a escola dos nossos avós e pais ouvintes é diferente de agora. (...) em termos de trabalhos de casa, estudos, eu fui fazendo sozinha. Tinha apoio de uma prima que era mais velha que eu".</i>
<b>H</b>	<i>"Não. Foram os meus avós. A minha avó é que era a minha encarregada de educação, tanto a mim, como o meu irmão e a minha prima. (...) Os meus pais só assinavam os testes".</i>
<b>I</b>	<i>"Não. (...) Foi a minha irmã (...) mas sempre fizeram o papel de pais no sentido de dizerem que tens que fazer os trabalhos de casa, tens que estudar. Portanto sempre fizeram os possíveis enquanto pais".</i>
<b>J</b>	<i>"Sim sim foram! Eles sempre disseram 'como vai a escola?' (...) eles estavam sempre a dizer para eu fazer os trabalhos de casa (...) E a minha avó também controlava, a minha</i>

	<i>madrinha... os professores também controlavam (...) a minha mãe, ainda hoje que eu estou na universidade a tirar o mestrado me pergunta 'como é que vai a escola?'</i> "
<b>K</b>	<i>"Não. (...) só no 5.º e 6.º eu tinha uma diretora de turma de ciências (...) ela perguntava 'oh Marta<sup>2</sup> como se diz isto e aquilo'. Então quando havia reuniões ela dizia 'eu quero que estejas presente' (...) ela era participativa nesse aspeto, comigo ao lado a traduzir sempre. (...) nos anos posteriores (...) A minha mãe dizia 'eu não vou à reunião se ela quiser falar comigo que marque uma hora' e eu ia com a minha mãe nessa hora e traduzia".</i>
<b>L</b>	<i>"Foram eles sempre! Não me lembro de ir traduzir nada! (...) eu lembro-me que havia ali uma participação de pais e alunos o que era engraçado. (...) lembro-me é das reuniões serem uma situação muito aberta. Portanto todos nós ouvíamos o que os professores tinham a dizer sobre nós, e os nossos pais também, de todos".</i>
<b>M</b>	<i>"Os meus pais eram bastante presentes. Quando havia reuniões o professor marcava com a minha mãe e era mais fácil (...) havia uma professora que a conseguia perceber bem e eles faziam gestos simples para se explicarem".</i>
<b>N</b>	<i>"Os meus pais sempre souberam quando ia ter exame/teste, sempre foram a reuniões, trabalhos de casa nunca precisei de muita ajuda (...) Nas reuniões iam sozinhos, depois no final a diretora de turma falava com eles sobre as coisas mais relevantes, mas isto não aconteceu com todos os diretores. Depois o meu irmão tornou-se o meu encarregado de educação no 8.º/9.º. Os meus pais continuavam a par da situação".</i>

## APÊNDICE 20 – QUADRO 17 – ASPECTOS QUE CONSIDERAM NECESSÁRIOS MODIFICAR PARA QUE OS ALUNOS COM PAIS SURDOS SINTAM O APOIO DOS PAIS DURANTE O SEU PERCURSO ESCOLAR

<b>A</b>	<i>"Eu acho que desde cedo os professores têm que saber que os pais são surdos (...) têm que arranjar formas de comunicar com os pais. (...) por mensagem, e-mail, hoje em dia é tão fácil. (...) tentar incluir o intérprete (...) falar com os pais sobre tudo o que está á volta dos filhos (...) como com todos os alunos".</i>
----------	---

---

<sup>2</sup> Nome fictício.

<b>B</b>	<i>"os pais têm que estar preocupados com a educação e se puderem acompanhar ótimo, se não tentam doutra forma, as perguntas que os meus pais me faziam 'então como foi a escola? Gostas da professora?' estas questões do dia-a-dia é bom porque é bom os filhos sentirem a preocupação dos pais porque são tão capazes como os ouvintes".</i>
<b>C</b>	<i>"Há uma grande barreira, falando ao nível do ensino básico porque estás numa fase de desenvolvimento, no secundário nem tanto mas na primária e no ensino básico é uma fase essencial e acho que a comunicação entre o diretor de turma ou o professor de turma com os pais é algo que deve ser muito claro!".</i>
<b>D</b>	<i>"Eu nunca tive a experiência do que é não ter apoio (...) Se eu não tivesse tido a minha avó e a minha tia teria sido muito difícil. (...) a partir dos 14 anos (...) já me sentia muito adulto porque já tinha as bases para me desenrascar sozinho (...) antes dessa idade seria muito difícil (...) mas faz-me sentido que houvesse um intérprete ou que a professora tivesse conhecimento da língua gestual".</i>
<b>E</b>	<i>"A escola proporcionar intérprete de LGP presente sempre que haja reuniões ou atendimentos com pais surdos. Assim os pais estarão presentes e os filhos sentirão um apoio maior e menos responsabilidades".</i>
<b>F</b>	<i>"Não sei, se calhar eles deviam ter uma intérprete, reuniões ou tratar das coisas na secretaria, ou assim".</i>
<b>G</b>	<i>"professores estarem mais abertos a terem reunião individual e com disposição para se esforçarem para que os pais entendam o que se passa. (...) a reunião individual não faz mal nenhum. Não é discriminar, é uma questão de que o pai e a mãe vão sentir 'a escola está preocupada com o meu filho' e que eu sou surda e vai-me dar a atenção que eu preciso e vai-me explicar da melhor maneira o que se passa".</i>
<b>H</b>	<i>"É que eu não senti que não tinha apoio (...) eles sabiam. É assim mesmo que seja um avô ou um pai o encarregado de educação eu penso que (...) os filhos de pais surdos! Penso que todos sabem língua gestual (...) Não sabem? (...) Eu não sabia disso, ainda estou meio parva".</i>
<b>I</b>	<i>"Aqui é fazer o papel de pais, não tem a ver se são surdos ou não (...) Inclui levar o filho à escola ou não, depende se estão longe (...) insistir para fazer os trabalhos de casa, para estudar (...) ir a reuniões de escola, eu sei que é complicado mas se conseguirem força (...) Tentar fazer o máximo possível porque também há pais ouvintes que nem sequer fazem papel nenhum".</i>
<b>J</b>	<i>"Em todas as partes da minha vida eu senti-me apoiada pelos meus pais, por toda a gente. (...) não sei se também terá a ver com a educação que eles tiveram. (...) acho que é importante os pais surdos não desistirem dos filhos e os filhos entenderem muito mais os pais porque eles são pessoas normais e se fosse ao contrario também não iam gostar".</i>
<b>K</b>	<i>"Aí já é o interesse entre pais e filhos (...) Como infelizmente há pais que são desinteressados, ouvintes. Nos surdos acontece o mesmo (...) nesse campo, educativo, se calhar se as escolas proporcionassem uma ou duas intérpretes (...) Já não digo os professores saberem linguagem gestual, porque infelizmente não é para toda a gente".</i>
<b>L</b>	<i>"A escola tem que ter o papel importante de, neste sentido, que o aluno não tem que ser aqui o mediador (...) não tem que ter este papel, mas também tem muito a ver com os surdos, também têm que querer ser ativos nesta procura de acompanhamento".</i>
<b>M</b>	<i>"eu acho que os pais é que devem mostrar interesse em apoiar (...) os pais é que têm que incentivar (...) e bastava os professores terem conhecimentos básicos para comunicar, porque às vezes os pais podem não mostrar interesse porque os professores não sabem falar com eles".</i>
<b>N</b>	<i>"Acho que a formação mínima dos professores em língua gestual é fundamental para</i>

	<i>haver uma melhor comunicação entre pais e professores (...) depois varia é de personalidade em personalidade. Mas o acompanhamento pode ser feito normalmente".</i>
--	--

## APÊNDICE 21 – QUADRO 18 – DESAFIOS QUE ENQUANTO ALUNO ENFRENTOU POR SER CODA

<b>A</b>	<i>"é os meus pais não perceberem tão bem o que os professores diziam (...) e eu ter sempre que explicar o que se passava na escola".</i>
<b>B</b>	<i>"foi ter que me esforçar mais, por mim própria, procurar porque mesmo que eu quisesse não podia perguntar-lhes porque eles não sabiam então questionava os professores e os colegas".</i>
<b>C</b>	<i>"Uma coisa engraçada era quando eu chegava a casa e tentava explicar o que aprendi na escola, queria falar de equações e eles tinham o 4.º ano. (...) E depois o facto de não ter ninguém para me ajudar. (...) eu considerava sempre tudo um desafio, sempre foi essa a minha postura (...) uma das dificuldades que eu sentia quando fazia de intérprete principalmente mais novo, as pessoas não me levavam a sério (...)".</i>
<b>D</b>	<i>"Os meus colegas frequentavam muito a minha casa (...) enquanto aluno tive problemas não nunca por os meus pais serem surdos, são coisas que aconteceriam na mesma se eles ouvissem".</i>
<b>E</b>	<i>"informar sempre que os meus pais são surdos... que não iam às reuniões (...) e ter de estar a traduzir para ela o que estava a ser dito".</i>
<b>F</b>	<i>"acho que foi mais fazer as coisas por mim, porque eu sabia que tinha que fazer aquilo direito. Claro que eles diziam que eu tinha que tirar boas notas (...) eu que me certificava que estava tudo bem para eles não se terem que preocupar".</i>
<b>G</b>	<i>"Foi as reuniões da escola! E às vezes nos trabalhos da escola".</i>
<b>H</b>	<i>"Não tenho nenhuma (...) Não fez com que eu fosse uma pessoa com rancor dos outros (...) Só na rua mesmo, nem na escola nunca gozaram comigo por ser filha de pais surdos".</i>
<b>I</b>	<i>"Pedir autorização, por exemplo pedir um computador (...) e tentar explicar porquê que eu precisava foi algo complicado sim. Foi a muito custo, foi batalhar muito para conseguir".</i>
<b>J</b>	<i>"Eu tive um percurso escolar muito normal (...) Eu portei-me mal mas o meu irmão por exemplo portou-se bem. (...) Nós temos pais surdos, temos, mas reagimos exatamente como as outras pessoas e as pessoas nunca nos discriminaram".</i>
<b>K</b>	<i>"Nunca tive desafio nenhum. Lá está aquela professora que adorava o facto de eu saber linguagem gestual e perguntar-me coisas, os meus amigos também".</i>
<b>L</b>	<i>"não há assim nenhum desafio que eu possa dizer... (...) foi tão natural, a relação dos meus pais com os meus amigos era tão natural, em todas as atividades que eu participavam os meus pais iam e estavam e ficavam até ao fim".</i>
<b>M</b>	<i>"Eu acho que correu tudo normal! (...) não houve assim nenhum desafio".</i>
<b>N</b>	<i>"foi um percurso muito normal! Desafios a nível de vida escolar não senti muitos. A nível</i>

	<i>da comunicação talvez, entre os diretores e os meus pais quando era mais nova, mas só mesmo isso".</i>
--	---